



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

GUILHERME MARTINS ANDENI

**Para uma Pastoral Juvenil Fundamental na
Diocese de Pemba**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues**

**Braga
2024**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, irmãs e irmãos, a quem sou muito grato pelo encorajamento e pelos ensinamentos que me facultaram ao longo da minha caminhada. À minha irmã Inês Martins Andeni, de quem muito me orgulho por ter tido como irmã até ao dia da sua morte.

Ao Professor Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues que ao longo deste meu percurso académico me mostrou um sentido para a vida, acompanhando-me até à reta final.

Ao Pe. Jorge Vilaça, de quem muito me orgulho por ter como educador e guia para a minha vida, enquanto jovem e seminarista.

Ao Pe. Beato Cornélio Jaime, a quem devo muito, e que foi, e será sempre, um pai que soube transmitir-me a sua sabedoria de vida, tão importante para o meu crescimento.

Ao Pe. António Gonçalves, que fez de mim um jovem forte e corajoso.

Aos Padres José Miguel Neto, Pedro Antunes e Tiago Varanda.

À minha mana/irmã Sara Poças, uma mulher que, com o seu sorriso, nunca deixou de me incentivar e de ser sincera comigo quer nas horas de alegria e tristeza.

À Professora Isabel Gomes e à Doutora Isabel Varanda.

À minha querida Diocese de Pemba, que me proporcionou os estudos teológicos, para, futuramente, poder servir o povo amado de Deus.

À Arquidiocese de Braga, sobretudo ao Seminário Conciliar de Braga.

À Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

Aos meus irmãos de caminhada, Jaimito China, Manuel Razão, Pedro Martins e Yessé Raiton. Aos meus discípulos e, em especial, aos meus irmãos, Bruno Pinto, Carlos Furtado, Diogo Antunes e Jaimito China.

Aos meus amigos recentemente ordenados presbíteros, Pe. Pedro Fraga e Pe. Tiago Nogueira. Ao Diácono Joaquim Ferreira e sua mulher Dona Teresa.

Aos meus jovens amigos da Diocese de Pemba dedico, com muita estima, este trabalho.

Jovens moçambicanos continuam a engrossar as fileiras dos que semeiam terror. É a juventude moçambicana, o presente e o futuro da nação, que sucumbe nestas incessantes ondas de violência. Como já tivemos ocasião de afirmar, reconhecemos que um dos motivos fortes que movem os nossos jovens a se deixarem aliciar e ajuntarem-se às várias formas de desvios, assenta na experiência de ausência de esperança num futuro favorável. Para a maioria deles não há oportunidades de se construir uma vida digna. É fácil aliciar pessoas cheias de vida e de sonhos, mas sem perspectivas.¹

¹ Conferência Episcopal de Moçambique, «“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” Jo 10,10. Às comunidades cristãs e a todos os homens e mulheres de boa vontade» (Pro Manuscriptum, 2022), 2.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	7
ABSTRACT	8
SIGLAS E ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO	10
1. O CONTEXTO SOCIOGEOGRÁFICO, HISTÓRICO, CULTURAL, RELIGIOSO E A DESCRIÇÃO DO MODELO PASTORAL	13
1.1. Contexto sociogeográfico de Moçambique	13
1.1.1. <i>A realidade da população moçambicana</i>	15
1.1.2. <i>Contexto histórico (política e religião)</i>	18
1.1.3. <i>Alguns conflitos políticos e religioso</i>	19
1.2. Cabo Delgado (Diocese de Pemba): contexto sociogeográfico	20
1.2.1. <i>Contexto histórico: culturas e tradições</i>	23
1.2.2. <i>Contexto político e religioso</i>	26
1.2.3. <i>A difusão da evangelização no interior de Cabo Delgado-Pemba</i>	26
1.2.4. <i>A evangelização confiada aos Missionários Monfortinos</i>	28
1.2.5. <i>A presença das Irmãs Missionárias da Consolata à Diocese de Pemba</i>	29
1.2.6. <i>A divisão Eclesiástica: a criação das três Dioceses</i>	31
1.2.7. <i>A perseguição à Igreja, a Independência e a pós-Independência Nacional</i>	31
1.3. A criação da Diocese de Pemba	33
1.3.1. <i>A ação pastoral dos Bispos da Diocese de Pemba</i>	34
1.3.2. <i>A descrição do modelo pastoral ou ação pastoral da Diocese de Pemba</i>	36
1.3.3. <i>A insurgência em Cabo Delgado-Pemba</i>	38
2. PARA UMA PASTORAL JUVENIL	40
2. A pastoral juvenil: contexto histórico e cultural	41
2.1. A pastoral juvenil a partir da exortação apostólica <i>Christus Vivit</i>	45
2.2. Os problemas e os desafios da juventude na atualidade	47
2.3. Para uma nova evangelização no mundo juvenil	49
2.4. A educação da juventude	51

2.5. A dificuldade da integração dos jovens na Igreja e na sociedade	55
2.6. Os desafios dos agentes da pastoral juvenil.....	57
2.7. A pastoral juvenil no contexto atual	59
3. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA UMA PASTORAL JUVENIL NA	
DIOCESE DE PEMBA.....	65
3.1. Objetivo da pastoral juvenil na Diocese de Pemba.....	66
3.2. O perfil dos jovens	68
3.3. As faixas etárias	70
3.4. Os jovens na interação com a Igreja e a sociedade.....	71
3.5. Uma proposta para a pastoral juvenil diocesana.....	73
3.6. A pastoral juvenil no sentido teológico	76
3.7. Os desafios da pastoral juvenil na Diocese de Pemba hoje.....	79
3.8. O futuro dos jovens e a missão da Igreja particular de Pemba.....	81
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA	87

RESUMO

A pastoral juvenil abre um caminho entre tantos outros caminhos que já foram trilhados. Este será certamente o interesse de ter uma visão contemporânea que nos permita perceber quem são, na verdade, os jovens de hoje. A Igreja e a sociedade são espaços dos quais a juventude se torna cada vez mais distante, muitas vezes por não terem liberdade para serem o que desejam e para sonharem com o seu futuro. A presente dissertação desenvolve, olhando para a realidade dos jovens da Diocese de Pemba, uma reflexão e alguns fundamentos para uma proposta da pastoral juvenil.

Não podemos falar dos jovens sem conhecermos o contexto em que vivem, a história do país onde se encontram e os desafios que os caracterizam. Por isso, no primeiro capítulo, incide-se nos contextos sociogeográfico, histórico, cultural e religioso, fazendo uma breve descrição do modelo pastoral da Diocese de Pemba. No segundo capítulo, aborda-se a questão da pastoral juvenil, numa perspetiva geral, mas sempre tendo como centro desta pesquisa o contexto e a realidade dos jovens de Pemba. No terceiro capítulo, faz-se uma abordagem acerca dos fundamentos teológicos para uma pastoral juvenil na Diocese de Pemba, procurando perceber os problemas e as situações do tempo presente e, de certa forma, propor alguns fundamentos teológicos que podem ajudar a pensar uma pastoral juvenil mais adequada à problemática dos jovens da Diocese de Pemba.

Palavras-chave: Pastoral juvenil; Igreja; Jovens; Diocese de Pemba, Evangelização

ABSTRACT

Youth ministry opens up a path from so many other paths that have already been trodden, certainly this will be of interest as it introduces us to a contemporary vision that allows us to realise who today's young people really are. In the Church and in society, these are spaces where young people are becoming increasingly distant from being responsible, often because they don't have the freedom to be what they want and to dream of the future. Looking at the reality of young people in the Diocese of Pemba, this dissertation develops a reflection and some foundations for a proposal for youth ministry.

You can't talk about young people without knowing the context in which they live, the history of the country in which they find themselves and the challenges that characterise them. For this reason, the first chapter looks at the socio-geographical, historical, cultural and religious contexts, giving a brief description of the pastoral model of the Diocese of Pemba. In the second chapter, the issue of youth ministry is addressed from a general perspective, but always in the context of the reality of young people in Pemba, as the centre of this research. In the third chapter, an approach is made to the theological foundations for youth ministry in the Diocese of Pemba, understanding the problems and situations of the present time and, in a certain way, proposing, above all, some theological foundations that can help to think of a youth ministry that is more appropriate to the problems of young people in the Diocese of Pemba.

Keywords: Youth ministry; Church; Young people; Diocese of Pemba, Evangelisation.

SIGLAS E ABREVIATURAS

CD — Cabo Delgado

CEJP — Comissão Justiça e Paz (Conferência Episcopal de Moçambique)

CEM — Conferência Episcopal de Moçambique

CMAB — Centro Missionário da Arquidiocese de Braga

CP — Congregação da Paixão

CV — Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*

EG — Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EN — Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

FRELIMO — Frente de Libertação de Moçambique

INE — Instituto Nacional de Estatística

JMJ — Jornada Mundial da Juventude

MINEDH — Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

n. — número

OFMCap — Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

PIDE — Polícia Internacional e de Defesa do Estado

PJ — Pastoral Juvenil

RENAMO — Resistência Nacional Moçambicana

SCI — Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus – Dehonianos

SMBN — Sociedade Missionária da Boa Nova

INTRODUÇÃO

«A urgência de uma pastoral juvenil tomada a sério resulta, entre outros fatores, do facto de hoje os jovens se tornarem adultos mais tarde».² Escreveu Paulo Abreu, no seu artigo intitulado *A pastoral e os jovens de hoje*. Mais do que uma urgência passageira, a pastoral juvenil é um processo contínuo a que corresponde ao tempo próprio da juventude, cabe a Igreja e a sociedade para garantir uma educação mais eficaz para os jovens. Portanto, para uma pastoral juvenil fundamental na Diocese de Pemba, surge como uma provocação e ao mesmo uma proposta para a Igreja particular de Pemba, sobretudo aos jovens desta diocese. Quanto à minha abordagem sobre este tema, não me limitarei a falar apenas dos jovens de um determinado contexto, isto é, de uma única realidade. Como podemos notar a divisão dos capítulos e o conteúdo apresentado em cada um deles.

No que se refere hoje sobre a pastoral juvenil, apraz-me dizer, usando as palavras de Rui Alberto, «não se trata de uma pastoral de entretenimento, destinada a “segurar” os jovens com umas atividades giras, incapaz de propor o Evangelho da sua totalidade».³ Antes pelo contrário, trata-se de uma pastoral com objetivos concretos, ajudar a juventude a descobrir Cristo através da evangelização.

As perguntas às quais se pretende obter resposta neste trabalho são as seguintes: em que contexto ou ambiente vivem os jovens da Diocese de Pemba? Quem são estes jovens? Eles são diferentes dos outros jovens? Quais são os problemas que os paralisam e não os deixam tomar decisões para o seu futuro? Como pode a Igreja de Pemba e a sociedade, sobretudo o Governo de Moçambique, ajudar a preparar o futuro destes jovens? Propomo-nos, ao longo desta reflexão, responder a estas questões, procurando dar sempre valor à cultura juvenil. Temos presente que a Igreja e a sociedade são espaços onde os jovens depositam a sua confiança, porque é na Igreja que amadurece a sua fé e é na sociedade que aprendem a viver na caridade e na gratuidade.

Este pode ser ainda um processo insuficiente para o caminho que nos propomos fazer, mas a juventude foi, e continua a ser, uma viragem das muitas e variadas épocas e a responsável pelas mudanças que se verificaram em cada tempo. A chave destas

² Paulo Abreu, «A pastoral e os jovens de hoje», *Theologica*, 2.^a Série, 36, 1 (2001): 38, <https://doi.org/10.34632/theologica.2001.36.1>.

³ Rui Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da nova evangelização», *Theologica*, 2.^a Série, 47, 1 (2012): 72.

mudanças está na cultura juvenil; é a “evangelização” que nos permite a verdadeira conversão. Contudo, esta conversão como diz Rui Alberto, «não consiste num “depressa e em força” para a PJ que temos tido».⁴ Em primeiro lugar, a conversão requer paciência e esperança, pois nem todos os que são evangelizados chegam à conversão; por último, todo o processo de conversão, seja para os jovens ou mesmo para os adultos, precisa de abertura e aceitação pessoal, sem que haja qualquer obrigação. É assim que funcionam os jovens de hoje. Assim sendo, a PJ não deve ser pensada a partir de uma série de atividades; deve, antes, «colocar o mundo dos jovens na nossa agenda mental e espiritual. Deixarmos de reduzir a PJ a uns grupos residuais ou ao consumo de umas atividades avulsas».⁵

Foi precisamente este mundo dos jovens que nos permitiu refletir sobre uma realidade concreta da juventude, fazendo a subdivisão dos capítulos. No primeiro capítulo, a nossa abordagem parte de uma perspetiva histórica, geográfica, cultural e religiosa. Quando falamos da juventude que se insere num contexto concreto, é sempre importante partir de uma realidade histórica e procurar compreender a identidade e o ambiente em que estão inseridos.

O segundo capítulo funciona como ponto de partida para o terceiro e irá introduzir uma visão geral sobre a juventude, pressupondo aquilo que hoje poderá ser uma pastoral juvenil e considerando, sobretudo, os problemas e os desafios dos jovens na atualidade. O conceito apresentado sobre a pastoral juvenil baseou-se em conceitos oferecidos por outros autores, sobretudo Adérito Gomes Barbosa, que define a PJ como «a ação da Igreja junto dos jovens para que descubram, sigam e anunciem Jesus Cristo dentro de comunidades concretas, em ordem a uma maturidade tal que os capacite para optar vocacionalmente na Igreja, por um dos estilos de vida (laical, religioso, sacerdotal)».⁶

O terceiro capítulo centra-se mais na realidade concreta dos jovens da Diocese de Pemba. Partindo dos fundamentos teológicos para a pastoral juvenil, a reflexão basear-se-á no estilo de vida destes jovens. Enquanto a pastoral juvenil não for eficaz para as situações atuais da juventude da Igreja particular de Pemba, não estaremos nós a

⁴ Alberto, 81.

⁵ Alberto, 81.

⁶ Adérito Gomes Barbosa, *Jovens do futuro: proposta para uma pastoral de jovens*, ed. Agostinho França, 1.^a (Apelação: Paulus, 1999), 118.

desvalorizar o futuro dos jovens? Esta pergunta abre-nos um novo caminho que nos levará a fazer uma retrospectiva crítica sobre aquilo que tivermos refletido ao longo da pesquisa. Sabemos que a juventude, como diz Armando Matteo, «é um tempo entre os tempos da vida, um tempo com o seu ritmo inconfundível e irrepetível».⁷ A juventude de hoje é marcada pelas transformações e não é tão diferente de toda a cultura juvenil. Porém, a juventude à qual nos referimos nesta dissertação tem um estilo de vida própria, visto encontrar-se num ambiente que é, sem dúvida alguma, muito desafiante.

Por fim, a partir dos contextos histórico, geográfico, cultural e religioso, que iremos conhecer no primeiro capítulo, torna-se mais acessível a compreensão da realidade do país e da Diocese de Pemba. Enquanto esta preocupação da pastoral juvenil abrange a todas as Igrejas do mundo, a urgência de pensar uma pastoral juvenil que corresponda às situações dos jovens de hoje é um desafio da Igreja e da sociedade. Assim, subsiste em nós esta preocupação: num mundo em que a vida expressa o desânimo e em que a fé, a autoconfiança e a convivência humana foram substituídas pela convivência tecnológica, fará ainda sentido pensar numa pastoral juvenil?

A juventude “é tempo entre os tempos da vida”, como afirmou Armando Matteo. É certo que esta etapa de vida terá as suas desilusões, os seus fracassos, desmotivações e desconfianças, mas é também uma etapa de alegria, força, coragem, ânimo, confiança, motivação e da construção de sonhos para o futuro. Sendo assim, como diz o Papa Francisco, «a pastoral juvenil pressupõe duas grandes linhas de ação. Uma é a busca, a convocação, a chamada que atraia novos jovens para a experiência do Senhor. A outra é o crescimento, o desenvolvimento dum percurso de maturação para quantos já fizeram essa experiência» (*CV*, n. 209).

⁷ Armando Matteo, *Qual o teu caminho? Em conversa com os jovens* (Prior Velho: Paulinas, 2014), 11.

1. O CONTEXTO SOCIOGEOGRÁFICO, HISTÓRICO, CULTURAL, RELIGIOSO E A DESCRIÇÃO DO MODELO PASTORAL

Moçambique é um país que se caracteriza pela diversidade de culturas. Deste modo, embora seja pertinente falar da sua história no seu todo, neste trabalho de pesquisa apenas serão abordados os contextos sociogeográfico, histórico e religioso de Moçambique; a parte central deste trabalho é sobre a Diocese de Pemba-Cabo Delgado, (CD), que será mais desenvolvido em todos os contextos sociogeográfico, histórico, cultural e religioso.

1.1. Contexto sociogeográfico de Moçambique

Moçambique situa-se na parte da costa oriental da África Austral e faz a fronteira com a Tanzânia (Norte); com o **Malawi e a Zâmbia** (Noroeste); com **Zimbabwe e África do Sul** (Oeste); **África do Sul** e a **Suazilândia** (Sul); África do Sul e o Oceano Índico, designada por canal de Moçambique (leste).⁸

Moçambique é um país que se estrutura da seguinte forma: capital do país é Maputo, que possui diversas línguas, aproximadamente 20 a 30; entre todas, destacam-se as línguas principais: *Emakhuwa, Xitsonga, Ciyao, Cisená, Cishona, Echuwabo, Cinyanja, Xironga, Shimaconde, Cinyungue, Cicopi, Kimwani, Bitonga e Kiswahili*, sendo o português a língua oficial do país. De acordo com o censo de 2017, a população moçambicana é de 27.909.798 total, sendo que 13.348.446 são homens e 14.561.352 são mulheres.⁹ A esperança de vida é de 56,1, com uma taxa de 58,8% de analfabetismo, o que significa que 18% da população falam a língua portuguesa.

⁸ Inage, «Portal do Governo de Moçambique: geografia e população», 2015, <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Populacao>.

⁹ Inage.



A. 30 370 000 km²

E. 10 530 000 km²

MZ. 799 380 km²

P. 92 152 km²

CD 82 625 km²

Figura 1: Mapa de África.¹⁰

Figura 2: Mapa de Moçambique.¹¹

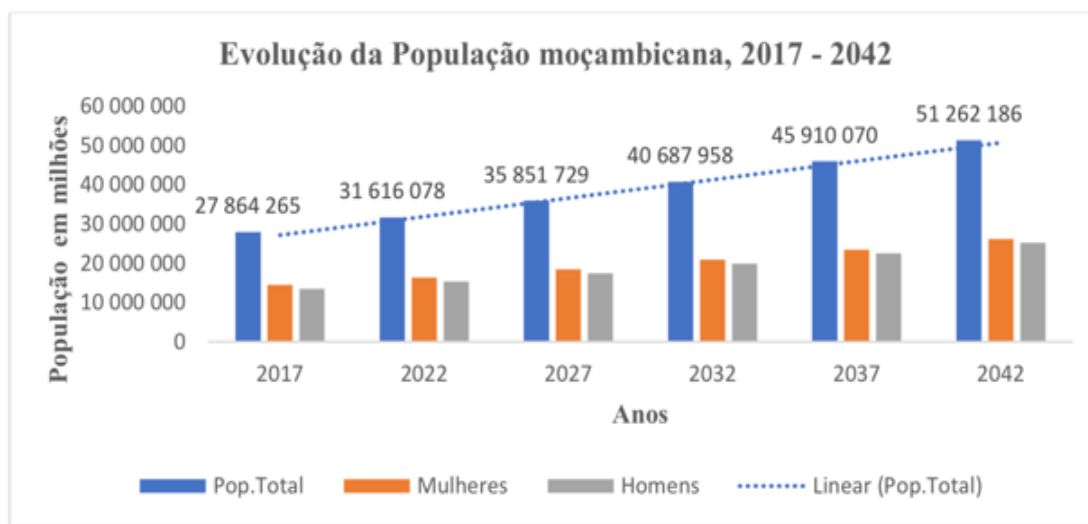
¹⁰ Freepik Company, «Mapa político de África con nombres de países», 2010, https://www.freepik.es/vector-premium/mapa-politico-africa-nombres-paises_76963533.htm.

¹¹ Mozambique Islands, «About Mozambique», 2018, <https://www.mozambiqueislands.com/about/about-mozambique/#>.

1.1.1. A realidade da população moçambicana

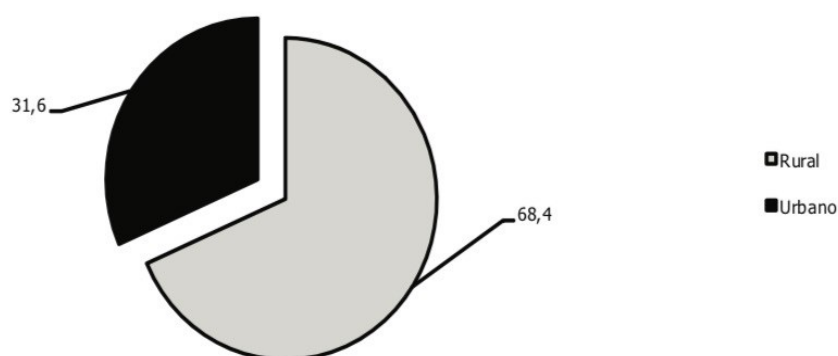
Os gráficos abaixo apresentados descrevem a realidade da população moçambicana, a partir da situação evolutiva, residencial, género e idades, o ensino escolar e o que diz respeito à saúde.

Gráfico 1: Evolução da População Moçambicana



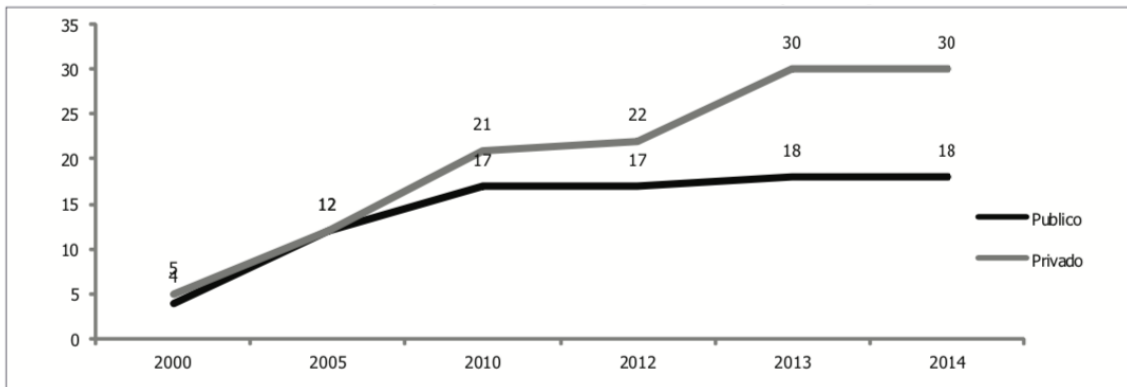
Fonte: INE, Projeções de População, 2017 – 2050

Gráfico 2: Distribuição Percentual da População por área de residência, Moçambique 2014



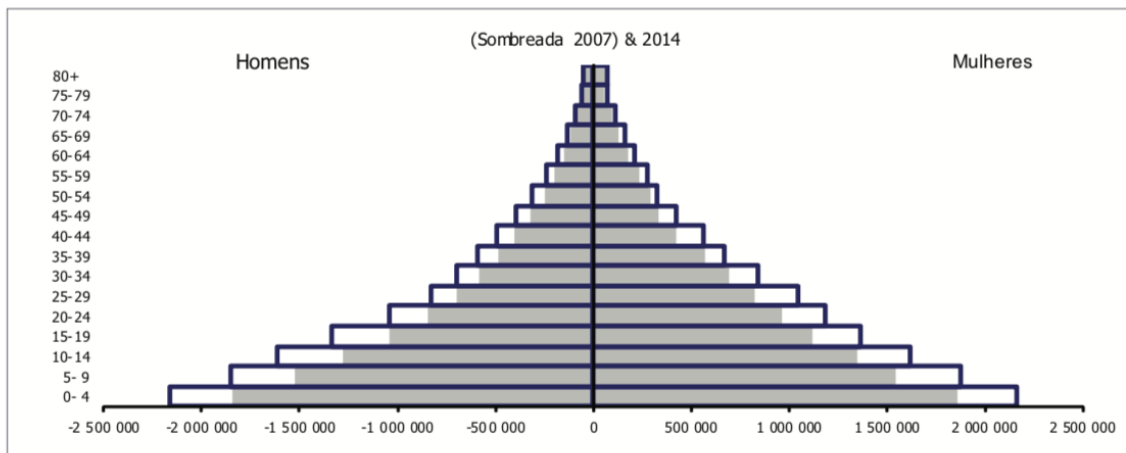
Fonte: INE 2010, Projeções anuais da População Total, Urbana e rural 2007-2040

Gráfico 3: Distribuição da População por Idade e Sexo, Moçambique 1997 e 2014



Fonte: MINEDH, Estatísticas do Ensino Superior 2014

Gráfico 4: Número de Instituições de nível Superior, Moçambique 2000-2014



Fonte: INE 2010, Projeções anuais da População Total, Urbana e rural 2007-2040

Gráfico 5: Recursos do Serviço Nacional de Saúde, Moçambique, 2021-2022

Descrição	2021	2022
Unidades Sanitárias	1 769	1 779
Hospitais	67	69
Centros de Saúde	1 566	1 596
Postos de Saúde	136	114
Camas Total	23 576	23 576
Camas Totais Maternidades	8 722	8 722
Outras Camas	14 854	14 854
Pessoal do Serviço Nacional de saúde	64 424	67 557
Médicos	2 740	2 892
Enfermeiros	10 293	10 821
Dentistas	269	386
Enfermeiros de SMI	7 227	7 758
Outro	36 668	37 345

Fonte: Ministério da Saúde

Moçambique é um país com muitos recursos naturais e que explora outros tipos de recursos. Muitos destes recursos destinam-se ao comércio e à alimentação da população. Existem os recursos em estado sólido, como o carvão, os minérios, as areias pesadas, rubis e grafite; em estado líquido, como petróleo bruto e o gás natural; pratica-se a pesca de camarão, peixe, lulas, caranguejos, ostras, ente outras.

Quanto à agricultura, esta produz bastante cana-de-açúcar, algodão, mandioca, castanha (caju), mapira, milho, arroz, feijão, amendoim e feijão jugo. É ainda de referir que o pau preto é a mais valiosa madeira do país; o artesanato é o trabalho mais exercido na zona norte, a mais costeira de Moçambique; produzem esteiras, camas de cedilhas e panelas de barros. Em Moçambique, existem muitos espaços históricos e de diversão, mas são pouco frequentados; por isso, o turismo não está ainda muito desenvolvido. Contudo, os espaços históricos são interessantes, sobretudo as esculturas.

1.1.2. Contexto histórico (política e religião)

Há acontecimentos importantes que servem de memória ao povo moçambicano. No final do século XV, os portugueses chegaram ao litoral de Moçambique, que sempre foi considerada uma região estratégica na rota do caminho marítimo para a Índia. A sua presença confinou-se à faixa litoral, mas, a mais importante de todas foi, sem dúvida, a Ilha de Moçambique, descoberta por Vasco da Gama, na sua segunda viagem à Índia. No século XVI, deu-se a entrada do povo Bantu e dos árabes em alguns territórios de Moçambique. Até meados do século XVIII, com a administração do Governador da Índia, realizou-se, entre 1884-1885, a Conferência de Berlim. Nesta Conferência, foi imposta às potências colonizadoras a obrigatoriedade de ocupação efetiva dos territórios: ocupação militar, administrativa e económica. Isto possibilitou a criação de feitorias, ao longo da costa, para o comércio e tráfico de escravos.¹²

O primeiro tiro do início da guerra em Moçambique foi dado no dia 25 de setembro de 1964. O Império e a colonização portuguesa estendem-se a todos os territórios, mas com mais presença na zona norte de Cabo Delgado. Durante este período inicia-se a guerra colonial, que acontece entre 1964-1975, e a guerra civil (uma guerra entre irmãos, Frelimo e Renamo), entre 1976-1992. Importa frisar que, antes da guerra civil, Moçambique comemorou a sua independência no dia 25 de junho de 1975, mas, logo a seguir à independência, viveu-se um ambiente de confronto entre irmãos, causado pela guerra entre os dois Partidos, a Frelimo e a Renamo. O acordo Geral de Paz entre a Frelimo e a Renamo foi assinado em Roma, no dia 4 de outubro de 1992. Deste modo, o país alcançou a democracia, tendo existido um grande aumento da influência católica no país. A verdade é que o país enfrentou uma situação política e bélica, externa e interna, que originou uma grande instabilidade identitária.¹³

Desde o ano de 2017, Moçambique enfrenta uma nova situação de guerra, a da Insurgência. Esta guerra, cuja origem não se consegue perceber, tem afetado a zona Norte da Diocese de Pemba. Entre março e abril de 2019, o país foi ainda infligido pelos ciclones tropicais *Kenneth* e *Idai*, que devastaram uma parte de Moçambique. A Província de Cabo Delgado nunca tinha registado um ciclone tão violento, que deixou

¹² Cf. Maria Magdalena Filpo, *Testemunhas de uma memória viva: história da evangelização da Província de Cabo Delgado* (Braga: Diário do Minho, 2022), 49.

¹³ Cf. Brígida Carla Malandrino, «Os mortos estão vivos: a influência dos defuntos na vida familiar segundo a tradição bantú», *Último andar* 19, n.º 2 (2010): 41.

grande parte da população sem casas e bens. Quanto a religião, este é um fator que ainda continua a ser desafiante, embora tenha sido trabalhado por muitos anos, sobretudo no âmbito da evangelização do povo. Importa sublinhar a importância da religião em Moçambique. De facto, a Igreja Católica foi fundamental em todas as dimensões, embora esta situação seja, atualmente, muito preocupante:

A situação atual da religião em Moçambique está mal documentada. O censo de 2007 revelou que os cristãos formam 56,1% da população, os muçulmanos compunham 17,9% da população de Moçambique, enquanto 7,3% das pessoas afirmaram praticar outras crenças, principalmente o animismo, e 18,7% não tinham crenças religiosas.¹⁴

Na verdade, a situação religiosa em Moçambique apresenta, anualmente, uma percentagem diferente, pois, as comunidades religiosas no país são compostas por crenças diferenciadas. No caso dos cultos tradicionais, o catolicismo, o protestantismo e várias igrejas pentecostais e evangélicas tem a percentagem de 50%. Neste sentido, 28% são católicos e 20% muçulmanos (maioria sunita). A Igreja Católica em Moçambique tem 172 maternas e escolas (50.022); 64 escolas médias e secundárias, com 57.086 alunos; e 14 superiores e universidades, que recebem 19.024 estudantes. É também proprietária ou administra 24 hospitais; 21 ambulatórios; 7 leprosários; 9 casas para idosos e pessoas com invalidez; 74 orfanatos e jardins de infância; 2 consultórios familiares; 2 centros especiais de educação; e 37 outros locais de assistência e promoção humana.¹⁵

1.1.3. Alguns conflitos políticos e religioso

Após a independência, existindo ainda um clima de insatisfação e desconformidade, explodiu a guerra civil, uma guerra entre irmãos (a Frelimo e a Renamo), que durou cerca de 16 anos (1976-1992), tendo deixado o país destruído nas suas infraestruturas, no tecido socioeconómico, humano e religioso. Os cristãos moviam-se segundo os interesses de cada partido. A Igreja respondeu com uma presença efetiva no meio da população martirizada e com apelos à paz e a reconciliação, dirigidos às facções em luta. As ajudas internacionais foram providenciais, canalizadas

¹⁴ S. a., «Povos e religiões de Moçambique», acedido 12 de dezembro de 2023, https://macua.blogs.com/files/atlas_da_lusofonia_-_mocambique_12.pdf.

¹⁵ Cf. S. a., «A Igreja Católica em Moçambique (a história da evangelização de Moçambique está intimamente ligada à colonização portuguesa)», 2019, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/papa-francisco-viagem-mocambique-igreja-dados-estatisticos.html>.

através da Cáritas Nacional, diocesana e de comunidade, com a distribuição de alimentos e roupas, materiais escolares e ferramentas agrícolas. Apesar da guerra, as comunidades cristãs, espalhadas e distantes das suas Missões e do acompanhamento dos missionários e missionárias, continuaram vivas e a crescer, ainda que com muitas dificuldades: sem capelas, sem livros de orações, sem Bíblia nem catecismos, terço e outros objetos religiosos. Algumas delas ficaram muito fracas, sem animadores, sem catequistas nem catecúmenos. Em setembro de 1988, o Presidente da República de Moçambique deu ordem de regresso dos missionários às Missões, processo este que foi gradual.

A visita do Papa João Paulo II a Moçambique, em 1988, resultou de um novo protagonismo do Acordo de Paz no país que, em 1992, viria a ser firmado em Roma.¹⁶ Entretanto, a Renamo, o maior partido da oposição em Moçambique, reconheceu o papel decisivo e histórico do Papa João Paulo II na obtenção da paz em Moçambique.

1.2. Cabo Delgado (Diocese de Pemba): contexto sociogeográfico

A Província de Cabo Delgado, com capital na cidade de Pemba, possui $82.625km^2$ de superfície, enquanto Portugal possui $92.212km^2$). A população de CD, = 2.333.278 (2017) – situa-se no extremo nordeste de Moçambique, limitando-se a norte pelo Rio Rovuma, que faz fronteira com a República Unida da Tanzânia, numa extensão de 250km; a sul, pelo Rio Lúrio, que divide com a Província de Nampula; a oeste, pelos rios Lugenda, Luambeze, Rwaca e Mewo, que divide com a Província de Niassa; a Leste, pelo Oceano Índico, que banha a Costa Oriental na extensão dos rios Rovuma e Maputo.¹⁷

Atualmente, a Província de Cabo Delgado encontra-se numa situação crítica, pois, desde 2017, a Província assiste a uma presença mais forte dos insurgentes. Este grupo tem causado várias mortes entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. Obriga

¹⁶ Cf. Filpo, *Testemunhas de uma memória viva: história da evangelização da Província de Cabo Delgado*, 254.

¹⁷ Cf. Filpo, 19.

até o povo a deixar as suas terras de origem para poder salvar a vida. Desde que tomaram a Província de Cabo Delgado (diocese de Pemba), contam-se 734.000 pessoas deslocadas internamente, ou seja, que continuam dentro da Província, mas em terras vizinhas; 3.100 mortes, sem especificar as idades e género, e 36% das unidades de saúde e várias residências foram destruídas.



Figura 3: *Mapa da Província de Cabo Delgado.*¹⁸

¹⁸ Marcio Pessôa, «As áreas de segurança volátil em Cabo Delgado», 2021, <https://www.dw.com/pt-002/veja-quais-s%C3%A3o-as-%C3%A1reas-de-seguran%C3%A7a-altamente-vol%C3%A1til-em-cabo-delgado/a-57524508>.



Figura 4: Mapa de Cabo Delgado-Pemba e seus distritos.¹⁹



RPN- Região pastoral norte

RPS- Região pastoral sul

RPC- Região pastoral centro

RPU- Região pastoral urbana.

Figura 5: Mapa da diocese de Pemba e as regiões pastorais.²⁰

¹⁹ Inage, «Governo da Província de Cabo Delgado: divisão administrativa», 2017, <https://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Provincia/Divisao-Administrativa>.

²⁰ Cf. Valeriano Atiracho Perez, «Aos 60 anos de evangelização na diocese de Pemba (1957- 2017): Realidade, Prospetiva e Perspetivas» (Doutoramento, Curitiba, Universidade Católica do Paraná, 2018), 18, [https://www.even3.com.br/anais/humanitaspuoprteo/122481-aos-60-anos-de-evangelizacao-na-diocese-de-pemba-\(1957--2017\)---relaidade-prospetiva-e-perspetivas/](https://www.even3.com.br/anais/humanitaspuoprteo/122481-aos-60-anos-de-evangelizacao-na-diocese-de-pemba-(1957--2017)---relaidade-prospetiva-e-perspetivas/).

As regiões pastorais da Diocese de Pemba que correspondem aos distritos da Província de Cabo Delgado e as respectivas Paróquias que as integram foram estruturadas da seguinte forma: a **Região Pastoral Norte:** Palma, Nangade, Mocímboa da Praia, Mueda, Imbuo, Nangololo (Muidumbe), Macomia, Meluco e Quissanga; a **Região Pastoral Sul:** Montepuez, Balama e Namuno; a **Região Pastoral Centro:** Ancuabe, Chiúre, Minhowene, Ocuá, Mazeze, Meza e Metoro; e a **Região Pastoral Urbana:** Pemba (Sé Catedral- S. Paulo, Paróquia Maria Auxiliadora, Paróquia S. Carlos Lwanga de Mahate e Paróquia Santo Agostinho de Gingone), Mecúfi, Miéze e Pemba Metugi.

1.2.1. Contexto histórico: culturas e tradições

A Província de Cabo Delgado foi povoada devido a sucessivas migrações de povos vindos do Centro de Moçambique, da África do Sul e outros lugares vizinhos de Moçambique. Esses povos, alguns deles constituídos em minorias, como, por exemplo, *Angonis, Mákwes, Yaos e Emethos*. Estes grupos sofreram cruzamentos e influências com outros grupos com os quais se encontraram. Deste modo, surgiu em Cabo Delgado a etnia Macua, que significa “não originário, estrangeiro e vindouro”, estando povoados também as atuais províncias de Zambézia, Niassa e Nampula.

Os Macuas são povos matrilineares, constituídos por diversos subgrupos culturais que, por conveniência e dada a sua localização geográfica, acabaram por ter uma língua, usos e costumes comuns como forma de se identificarem e de se situarem no espaço e no tempo.

Existem, ainda, variantes das etnias deste povo Macua (*emetos, lomuéis, achirimas...*). Outro grupo étnico que compõe a Província de Cabo Delgado são os chamados *Mwanis*. Estes povos são originados da mistura de povos que se cruzaram, no âmbito da exploração marítima e do negócio de escravos e de especiarias orientais. A sua identidade tem origem nos povos asiáticos, oriundos da Arábia Saudita, da Índia e Pérsia, e nos povos africanos das tribos *Macua, Maconde e Swahili*. A palavra “*mwani*” significa “pessoa do litoral” ou “da praia” e a sua língua é uma mistura de várias línguas. Os Macondes são povos linguisticamente homogêneos, que habitam nos planaltos do Norte de Moçambique e do Sul da Tanzânia.

Os macondes são povos fortes, guerreiros, com uma forte coesão cultural e uma personalidade definida. O uso de máscaras para a dança de *Mapiko* e esculturas de madeira (*mashinamu*) refletem a riqueza da sua estética. Dão muita importância e valor aos ritos de nascimento, de passagem à idade adulta e de luto, sendo de superior importância os ritos de iniciação masculina e feminina. Os ritos de iniciação servem para fazer a transição da adolescência à idade adulta: são ensinados a respeitar as pessoas mais adultas e a ser responsáveis pela própria vida e pela dos outros. Ligada aos ritos de iniciação masculina está também a mais importante dança, o *Mapiko*, na qual são usadas máscaras com o mesmo nome. As tribos macua e maconde são as que têm maior número da população na Província de Cabo Delgado, com um número menor de *mákwes* e *mwanis*.²¹ Os indivíduos destas duas tribos têm mais facilidade em estabelecer relações humanas. A centralidade da pessoa como indivíduo insubstituível é muito importante para estas tribos, pois permite criar relações com os demais membros da sociedade, sendo capaz de se abrir à sociedade.²²

A tradição está dividida em tribos, grandes famílias, clãs e famílias nucleares. Esta divisão é feita de acordo com a consideração que cada tribo tem em si e na relação com as outras tribos. As origens de uma mãe ou de um pai que é comum, faz com que todos os membros se considerem irmãos entre si e, conseqüentemente, observa-se a proibição destes membros casarem entre eles. Neste sentido, pertencer ao mesmo clã implica uma série de afinidades que comprometem as pessoas para toda a vida. Quando se trata a questão da administração familiar, a mulher é considerada a dona da casa, dos campos e a transmissora da sucessão, embora sempre governada pelo esposo, detentor do poder, não precisamente como esposo, mas como irmão e tio.

O povoado era governado por um homem a quem era confiada a tarefa de construir a casa, abrir machamba (campo de cultivo), garantir a alimentação para a mulher. Os antepassados tinham um valor especial, ou seja, o mundo dos antepassados, que são aqueles que, depois de mortos, foram entronizados como tal, venerados pelos familiares e merecedores de culto religioso. A existência de cada pessoa que nasce e daqueles que já fazem parte da família está sempre ligada aos espíritos dos antepassados destas famílias. Os ritos e rituais são características deste povo. A vida destes povos é

²¹ Cf. Filpo, *Testemunhas de uma memória viva: história da evangelização da Província de Cabo Delgado*, 31.

²² Cf. Filpo, 31.

totalmente atravessada por ritos, desde o nascimento até à morte. Celebram-se, ainda, uma sequência de ritos e rituais para celebrar as alegrias, as tristezas, as desgraças, as doenças, o bem-estar e a própria morte. Tudo o que acontece deve estar presente os ritos, ou seja, nada acontece sem ritos.

Desde há muito tempo, têm lugares próprios para o culto. O local da celebração pode ser debaixo de um embondeiro, ou outro local de significação para a família, constituindo verdadeiros templos de religião tradicional. Na verdade, a cultura maconde valoriza muito o culto dos seus antepassados (*vanakuluvetu*), que servem de intermediários na defesa dos espíritos malignos e de todos os problemas que acontecem a uma pessoa ou no seio da família.

Os macondes acreditam na feitiçaria (os espíritos malignos); por isso, recorrem, muitas vezes, aos curandeiros (os mágicos ou os adivinhos). Por seu lado, os macuas valorizam mais os seus vivos invisíveis (mortos) e acreditam que eles estão unidos aos vivos, servindo de intermediários indispensáveis. Estes confiam também na mediação da força vital originária (Deus, criador de tudo), que dá consistência e unidade a todo o processo vital. Para eles, os espíritos (*Munepa*) não desaparecem com a morte; estão hierarquizados e fazem parte dos seus antepassados (*Makolo*).

As primeiras vagas de mercadores são originárias da Península Arábica (Árabes) e do Golfo Pérsico (Persas). Mais tarde, surgiram outros, provenientes da Índia. Foram várias as razões que os levaram a chegar na Província de Cabo Delgado: a necessidade de expandir a religião islâmica, a desertificação da parte da Arábia, a procura de mercados seguros. Quase em toda a costa oriental africana, o *islão* deixou como reminiscência a disseminação de mesquitas, bem como a prática da circuncisão (a prática do rito de iniciação masculinos e femininos). Do ponto de vista cultural, verificou-se a adoção de diversos elementos, tais como o vestuário (o uso do cofia, do lenço na cabeça, da capulana e da túnica-anzu); a difusão da dança; e, na alimentação, destaca-se a utilização de diversos ingredientes orientais (canela, açafrão, gengibre, pimenta, cocô, raja).²³

²³ Cf. Filpo, 41.

1.2.2. *Contexto político e religioso*

A chegada do cristianismo dá-se com os primeiros missionários a chegar ao litoral da Província de Cabo Delgado, às Ilhas do Arquipélago de Quirimba. Em 12 anos de presença missionária (1580-1592), foram batizadas 16.000 pessoas (cristianismo imposto pela lei da escravatura, ou seja, obrigatoriamente, as pessoas tinham de aceitar pertencer à Igreja Católica). Em 1580, foi construída a primeira Igreja no Arquipélago de Quirimba, mais concretamente na Ilha de Quirimba, uma Igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário.²⁴

A conquista da rota marítima ao longo da costa moçambicana, principalmente da Ilha de Moçambique e no Arquipélago das Quirimbas, originou uma grande disputa entre os portugueses e os árabes. Esta disputa fez com que Portugal começasse a construir fortalezas, tendo em vista resistir às incursões dos *Swahilis* e dos *Árabes*. Quando estes foram dominados, a Ilha de Moçambique e o Arquipélago das Quirimbas tornaram-se os grandes centros de reabastecimento da frota portuguesa para a Índia.

1.2.3. *A difusão da evangelização no interior de Cabo Delgado-Pemba*

A partir do século XX, os portugueses mudaram a administração de grande parte de Moçambique para grandes empresas privadas, controladas e financiadas principalmente por britânicos, que estabeleceram linhas ferroviárias com os países vizinhos.²⁵ A Companhia do Niassa, formada em 1890, foi a que mais adquiriu plenos poderes para administrar as atuais províncias de Cabo Delgado e Niassa; porém, em 1929, extingue-se. Foi a Companhia do Niassa que convidou os padres Monfortinos, presentes ou radicados no Malawi, para estenderem a sua ação evangelizadora a Moçambique, concretamente ao distrito de Cabo Delgado. Em 1922, com a chegada destes missionários, estes estenderam rapidamente a sua presença a todos os distritos, marcando não só a sua presença, mas também influenciando e modificando a vida das populações.²⁶

Em 1922, dois padres franceses que se encontravam a residir no Malawi, o Pe. Auguste Baslé e o Pe. Alain Le Breton, foram enviados a Moçambique com o intuito de

²⁴ Cf. Filpo, 63.

²⁵ Cf. Filpo, 69.

²⁶ Cf. Filpo, 70–72.

alargarem a sua atividade missionária, tendo chegado a Namuno (Cabo Delgado). Nesta viagem, conta-se que os dois padres partiram de Nguludi, Niassalândia e demoraram 18 dias para fazer *1000 km* de bicicleta e a pé pelos caminhos de há 50 anos. Inutilizada uma das duas bicicletas, ficaram só com uma, utilizando-a alternadamente, fazendo um a pé o percurso que o outro fazia de bicicleta. Inutilizada a segunda bicicleta, continuaram a viagem a pé. Quando o Pe. Baslé chegou perto do rio Muatage, na região de Mpapara, a cerca de *9km* do atual Posto Administrativo de Namuno, já não tinha solas nos sapatos. Ali mesmo se deteve e exclamou: “isto é sinal de que é aqui que Nosso Senhor quer que se faça uma Missão”. Não avançaram mais e ali começaram a Missão, sob invocação de Santa Maria de Namuno a 22 de abril de 1922. Com a licença do Régulo construíram uma palhota no lugar onde a sola de sapato havia caído.²⁷

A região de Namuno era “pagã” e predominantemente islâmica, criando, à partida, muita resistência para aceitar a entrada do cristianismo. Fundaram-se escolas, enquanto se construía a Missão, mas os alunos iam-se embora. Por isso, os padres percorriam os povoados de modo que as pessoas das aldeias pudessem ser evangelizadas. Foram necessários dois anos de “sementeira” para surgir o primeiro batizado, que viria a ser o primeiro catequista da Missão Santa Maria de Namuno. Namuno tornou-se, assim, a primeira Missão da Igreja Católica no interior de Cabo Delgado. Constitui-se como mãe de todas as Missões da futura Diocese de Porto Amélia (atual Pemba). A primazia da Missão de Namuno não se limita apenas ao âmbito da evangelização, mas ao facto de ter começado uma nova era para as populações. A obra de evangelização foi acompanhada pela construção de obras para a educação e a espiritualidade (escolas, oficinas, centros de saúde, entre outros).

Com a existência desta Missão, foi possível definir todas as linhas de ação pastoral e de expansão missionária, porque ela não só serviu para introduzir o cristianismo naquela região, mas também contribuiu para a escolarização de muitos nativos que constituíram a primeira geração de “civilizados”, entrando, assim, em convívio ou colaborando com os colonos portugueses. As “Missões” tornaram-se grande suportes de preparação da mão de obra da administração portuguesa. Os Monfortinos começaram a trabalhar na Ilha do Ibo em 1927. Estenderam,

²⁷ Cf. Filpo, 73.

posteriormente, o seu trabalho, fundando Missões nas regiões a norte e sul de Cabo Delgado.

Quando, em 1947, foram celebradas as bodas de prata da sua fundação, a Missão contava com mais de 4.000 cristãos. Em 31 de dezembro de 1971, já contava com 25.900 batismos e 3.753 casamentos canónicos.²⁸ A difusão da evangelização levou aos missionários a percorrer outras regiões de Cabo Delgado, tendo, deste modo, chegado à região Norte, no Planalto dos Macondes, onde construíram a segunda Missão da Diocese de Pemba e a primeira naquela região. Em 1924, com a intervenção de Dom Rafael Maria de Assunção, prelado de Moçambique, foi construída a Missão Sagrado Coração de Jesus de Nangololo.

Foi a primeira missão existente na região dos macondes e na parte norte do distrito de Cabo Delgado, ocupando, de início, uma área não delimitada. Atualmente, é delimitada a norte pela missão de Imbuho, a oriente pela missão de Nambude, a sul pela missão de Macomia e a poente por Bomela e pela paróquia de Mueda.²⁹

1.2.4. A evangelização confiada aos Missionários Monfortinos

Quando os missionários chegavam a um determinado povoado, dirigiam-se, em primeiro lugar, ao chefe do povoado para se apresentarem como hóspedes que chegam para ficar e para pedir terreno. Assim que fossem recebidos, iniciavam, de imediato, a construção de uma residência igual à dos nativos, no sentido de criar unanimidade com eles. A partir daí, começavam a visitar o povoado, aproximando-se e criando amizade e laços com os mais velhos, vendo o modo como viviam para, assim, aos poucos, entrarem nas suas tradições. Apenas de salientar o seguinte: esta estratégia dos missionários possibilitava-lhes não entrar em contradição com a tradição dos nativos. A criação das Missões e a conseqüente presença missionária alterou a cosmovisão daquele povo, e as estruturas culturais ficaram abertas à influência da civilização cristã.

Deste modo, foi possível introduzir o catecumenado, este feito na Sede da Missão, em que os catecúmenos estavam separados, por algum tempo, do convívio das suas tradições, a fim de fazerem uma experiência, cujo centro das atividades era o conhecimento da doutrina cristã e a participação ativa na vida de piedade. Entretanto, começou a criação de internatos que tinham dupla finalidade: a primeira, era permitir

²⁸ Cf. Filpo, 74.

²⁹ Filpo, 94.

com que o grupo fosse acompanhado de forma sistemática, facilitando o controlo da assimilação de conteúdos e do progresso no comportamento segundo os ensinamentos recebidos; a segunda, permitia que a missão se fortalecesse economicamente com os meios necessários para o seu funcionamento, através das machambas (campos de cultivos), que eram a sua principal fonte de proveito económico e constituíam fonte de sustento para a Missão.

As equipas missionárias eram constituídas atendendo à sua sustentabilidade para a abertura de machambas. Portanto, cada um dos membros encarregava-se de instruir os outros na área que lhe dissesse respeito. A criação de escolas e capelas nos povoados correspondia ao alargamento das Missões, formando os professores e catequistas, repetidores locais da pastoral da Missão. O padre passava, de vez em quando, por essas escolas e capelas para administrar sacramentos. Aliados à educação, estavam o serviço de saúde e a promoção humana como áreas de grande empenho da Igreja.

O esquema de desenvolvimento das Missões comportava o envolvimento dos nativos nas obras de construção, sem que estes dominassem ainda o português e o cálculo matemático. A pedagogia indutiva era aplicada com sabedoria não só para um fim específico, mas para a formação integral do ser humano. O esquema pastoral partia do desenvolvimento das iniciativas sociais e da catequese que os missionários geravam, lutando contra tudo aquilo que diminuísse a dignidade da pessoa humana, nomeadamente a ignorância, o complexo de inferioridade, a passividade, a alienação, a doença, a fome, a pobreza, as injustiças e o subdesenvolvimento. Realizavam visitas às aldeias, entravam em contacto com a realidade sociocultural e religiosa, o que lhes permitiam compreender a “alma do nativo”. O processo de aprendizagem da língua local era uma obrigação para todos os missionários que chegavam a uma Missão, que tinham como primeira tarefa aprender a língua local.

1.2.5. A presença das Irmãs Missionárias da Consolata à Diocese de Pemba

No dia 29 de novembro de 1930, chegaram as Irmãs Missionárias da Consolata em Ibo, sendo recebidas pelo Pe. Bretón, Monfortino. Os Padres Monfortinos tinham lá chegado há apenas 15 dias. Deste modo, dividiram-se as tarefas: hospital, escola

primária, creche e costura. Alargaram, posteriormente, a sua presença à parte sul e norte de Cabo Delgado.³⁰

Neste sentido, a cristianização implicava o batismo obrigatório, o que possibilitava a obtenção de uma identidade e de um novo nome de civilização cristã para, assim, os credenciar no convívio com gente “civilizada”. Esta obrigação, inculcada às populações, permitiu que se definisse o princípio da assimilação dos colonos, assimilados e indígenas. As condições necessárias para ser assimilado consistiam em saber ler, escrever e falar português; ter meios suficientes para sustentar a família; ter bom comportamento; ter a necessária educação e hábitos individuais e sociais de modo a poderem viver sob a lei pública e privada de Portugal; fazer um requerimento à autoridade administrativa da área, que o levava ao Governador do distrito para ser aprovado.

No caso da escolarização, o sistema de educação colonial organizava-se em dois subsistemas de ensino: por um lado, um oficial, destinado aos filhos dos colonos ou assimilados, e outro indígena, engenhosamente articulado com a estrutura do sistema de dominação em todos os seus aspetos. Por outro lado, com a abolição do “indigenato”, o Governo português suprimiu fortemente o ensino para indígenas e para civilizados e criou-se o ensino elementar para todos, com o mesmo nível de exigência. A rede administrativa tinha como finalidade facilitar contactos entre as autoridades e as populações e reforçar a vigilância por ocupação efetiva.

A partir deste esquema de controlo da população nativa, o governo colonial criou os aldeamentos cercados de arame farpado, a fim de controlar os movimentos dos seus habitantes, controlando as infiltrações de colaboradores da Frelimo e da PIDE.³¹ Perante o sistema de dominação e cristianização, os padres Monfortinos apostam na educação e na capacitação intelectual da população. Tinham como opção o distanciamento das Missões com o governo colonial, que dava entender ao povo a separação que existia entre a Igreja e o governo colonial, permitindo também uma maior liberdade de ação missionária.

³⁰ Cf. Filpo, 120.

³¹ Cf. Filpo, 148.

1.2.6. A divisão Eclesiástica: a criação das três Dioceses

Em 1563, Pio VI criou a Administração Eclesiástica de Moçambique e Sofala. Depois, em 1612, foi criada a Vigararia ou Prelazia de Moçambique, dependente da Arquidiocese de Goa. Em 1940 foi criada então a Igreja Metropolitana de Lourenço Marques com três dioceses: Lourenço Marques (atual Maputo), Beira e Nampula. A Diocese de Nampula desmembrou-se da Diocese de Porto Amélia (atual Diocese de Pemba) em 1957, toda a ação pastoral era confiada à Diocese de Nampula.³²

A Concordata (1940) e o Acordo Missionário (1941), celebrados entre o Governo português e a Santa Sé, foram inicialmente saudados como um bom passo para o reconhecimento da liberdade de ação da Igreja. Com tais acordos, facilitou-se a entrada de missionários em Moçambique e prometeram-se subsídios à Igreja Católica.³³ Com o estatuto missionário, reconheceu-se a organização eclesial, atribuíram-se subsídios às novas dioceses e foram confiadas às Missões as escolas para os nativos.

1.2.7. A perseguição à Igreja, a Independência e a pós-Independência Nacional

Em 1974, iniciou-se, com a Frelimo, uma perseguição progressiva e generalizada. Grande parte dos bens da Igreja foram nacionalizados, sendo todos confiscados e extintos, no caso dos seminários da diocese. Houve perseguição aos cristãos, intimidação e violência e, inclusivamente, expulsão de muitos missionários. Na década de 80, as visitas às comunidades foram reiniciadas e toleradas, embora com restrições.³⁴

Para os missionários permanecerem na Diocese, foi-lhes imposta uma alternativa: se preferissem estar na Diocese, deveriam assumir a tarefa de ensinar nas escolas nacionalizadas e servir na área da saúde. Contudo, alguns foram expulsos, e até mesmo presos, sobretudo aqueles que não ensinavam. Seguiram-se reuniões intermináveis e destruidoras e aumentaram as difamações, as restrições, os boatos e as ameaças, que culminaram na prisão e expulsão de alguns missionários da Sociedade Missionária da Boa Nova. Concentrados em Pemba, foram difamados, perseguidos, oprimidos, ameaçados, presos e expulsos.

³² Cf. Filpo, 153–58.

³³ Cf. Filpo, 157.

³⁴ Cf. Filpo, 177.

Em 1980, o presidente da República propôs à Igreja o restabelecimento de relações de colaboração.³⁵ O Estado colonial havia conferido à Igreja Católica o papel de educação e formação moral, cívica e técnico-científica das populações indígenas. Assim, o Estado Moçambicano proclamou-se constitucionalmente laico, isto é, retirou todo o privilégio ou a intervenção a qualquer confissão religiosa. O desejo de liberdade pessoal e social dos nativos e a verdade em assumir a soberania nacional levou à guerra de expulsão do governo colonial, em 1964, que durou até ao ano de 1974. Antes da guerra, que resultou na expulsão do governo colonial, deu-se o “massacre de Mueda”, em 16 de junho de 1960, na sede do Posto Administrativo de Mueda. Entretanto, começaram as revoltas populares que desenvolviam atos de violência diretamente contra colonos portugueses e contra os colaboradores do sistema. Ocorreram ações de greve nos trabalhos propostos pelo sistema administrativo, até que a Frelimo declarou a luta armada, a 25 de setembro de 1964, no posto Administrativo de Chai (Cabo Delgado).

A Igreja e a guerra de libertação foram os grandes desafios; este foi o momento em que o país ansiava pela independência. Assim, o movimento da independência atraiu os elementos mais importantes e melhor instruídos pertencentes aos Macondes. Isto porque a maioria, através das Missões no Planalto, já eram cristãos, foi precisamente por este facto que as Missões perderam quase todos os professores. Neste sentido, a vida missionária e as autoridades coloniais tiveram uma relação muito tensa, e os missionários não saíam da Sede da Missão por medo de serem atacados. Mas, ainda assim, mantinham contactos clandestinos com cristãos e guerreiros.

Após a saída dos missionários, as comunidades cristãs ficaram praticamente sozinhas e foram elas próprias, com os seus catequistas, animadores e grupos da Legião de Maria, que animavam a vida cristã, num ambiente de incompreensão e até de dura perseguição. Esta intervenção da própria população para dar continuidade à religião e ao aprofundamento da fé em Jesus Cristo foi muito importante para a Igreja de Pemba; estes protagonistas que resistiram, mesmo estando inseridos num ambiente de tantos conflitos, nunca deixaram de levar ao povo o Evangelho: aliás, se não fosse a coragem destes catequistas, animadores e grupos de Legião de Maria, hoje não seria possível falar da Igreja Católica na Diocese de Pemba.

³⁵ Cf. Filpo, 178.

A Independência de Moçambique foi fruto de um acordo que teve lugar no dia 7 de setembro de 1974, na capital da Zâmbia. Neste dia, foi assinado entre o Estado Português e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) o denominado Acordo de Lusaka. Com a assinatura do cessar-fogo, a 7 de setembro de 1974, foi promulgada, logo a seguir a Independência e a soberania de Moçambique, a 25 de junho de 1975. Deste modo, Moçambique passou a ser um Estado laico, de ideologia marxista-leninista. Fizeram-se nacionalizações de todos os bens privados e particulares, inclusivamente os da Igreja. Foram encerradas as Paróquias, Missões e feitas inúmeras restrições à ação pastoral da Igreja. Entre 2 e 15 de dezembro de 1978, todos os missionários de Cabo Delgado foram enclausurados na cidade de Pemba.

1.3. A criação da Diocese de Pemba

A criação da Diocese de Pemba foi iniciativa do primeiro Bispo; antes de fundar esta Diocese, foi fundado o Seminário Menor de S. Pio XII de Mariri, em 1957 e, mais tarde, o Seminário Maior de São José de Pemba. Com a existência destes dois Seminários, a Diocese já estava criada e, ao mesmo tempo que foi fundado o Seminário do Mariri, fundou-se também a escola de professores. Porém, uma vez criada a Diocese, decidiu-se que todos os catequistas fossem professores, e que todos os professores fossem catequistas.³⁶

A escola de formação para os professores servia igualmente de formação dos catequistas que, de certa forma, seriam os continuadores da evangelização na Diocese de Pemba. Foi por esta razão que a escola tinha como objetivo formar bons professores não só ao nível dos programas oficiais, mas igualmente bons catequistas. A Sociedade Missionária da Boa Nova, foi fundada por Pio XI, em 1930, para o envio de missionários para socorrer as populações residentes nos territórios ultramarinos. A 13 de março de 1937, partiram para Moçambique os primeiros cinco missionários.³⁷ Embora a Diocese já contasse com a presença dos padres Monfortinos desde 1922, a chegada dos Missionários da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN), através do primeiro bispo desta Diocese, constituiu uma oportunidade para a fundação de novas Missões e para a revitalização de outras, já criadas anteriormente.

³⁶ Cf. Filpo, 163.

³⁷ Cf. Filpo, 165–67.

Dom José dos Santos Garcia, oriundo da Sociedade Missionária da Boa Nova, subsidiou a construção e confiou à Sociedade Missionária da Boa Nova a parte nova do desenvolvimento da diocese, através da construção de casas para padres e irmãs, seminários, escolas, capelas e escolas de formação dos professores. As zonas libertadas pela Frelimo estavam fechadas e proibidas a celebrações e orações comunitárias e, somente mais tarde, foram reabrindo, mas sempre com resistência por parte das autoridades locais.

1.3.1. A ação pastoral dos Bispos da Diocese de Pemba

O papel dos bispos da Diocese de Pemba e o plano de ação pastoral constituem o desenvolvimento da Diocese e a entrega total de cada um ao seu ministério episcopal. A lista que é apresentada, de forma cronológica, de todos os bispos da diocese de Pemba, descreve o verdadeiro testemunho da ação evangelizadora de todos, enquanto bispos desta Igreja local.

- José dos Santos Garcia, S. M. P. (1957-1975);
- Januário Machaze Nhangumbe (1975-1993);
- Manuel Vieira Pinto, A.A. (1992-1998);
- Tomé Makhweliha, S. C. I. (1998-2001);
- Francisco Chimoio, O. F. M. Cap. (2001-2004);
- Ernesto Maguengue (2004-2012);
- Luiz Fernando Lisboa, C. P. (2013-2021);
- António Juliasso Ferreira Sandramo, Administrador Apostólico-Bispo (2021).

Como consequência do assassinato de um presbítero da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN), durante a sua viagem de missão a Chiúre, muitos missionários e missionárias, por medo, resistiam em fazer missão na Diocese de Pemba. Mesmo assim, os missionários da Boa Nova chegaram à Diocese e estabeleceram-se na Paróquia Maria Auxiliadora. Posteriormente, chegaram as irmãs diocesanas, que acabaram por ser expulsas aquando da revolução moçambicana, pois, nesse tempo, o país ainda estava em guerra. O primeiro bispo, D. José dos Santos Garcia, centrou a sua ação pastoral na

evangelização do povo e na construção das infraestruturas para a Diocese. Conseguiu construir escolas, igrejas, casas paroquiais, universidade, seminários, e até estruturas que pudessem servir de autossustentação à Diocese.

A época de transição do colonialismo para a Independência foi marcada pelas palavras de Dom Januário Nhangumbe, na sua tomada de posse como bispo da Diocese de Pemba, quando este afirmou, com firmeza: «é urgente apresentar Cristo libertador que não se conformou com nenhuma opressão e exploração da pessoa».³⁸ Com a resignação de Dom Januário, Dom Manuel Vieira Pinto é nomeado Administrador Apostólico que, na sustentação da diocese, não aceitava qualquer abuso, tornando assim o grande denunciador da injustiça e da violência. Dom Tomé Makhweliha foi o protagonista das traduções de livros de orações e de dicionários do português para as línguas locais: Macua e Maconde. Quando a Diocese ainda apresentava algumas dificuldades no âmbito da pastoral, Dom Francisco Chimoio entrou como bispo na Diocese numa fase da revolução. Deste modo, fez um apelo à Diocese para que houvesse transparência e estabeleceu um novo panorama da evangelização, convidando as Congregações masculinas e femininas.

Para uma nova estruturação da Diocese, e com vista a possibilitar a organização regional, D. Ernesto Maguengue quis dividir a Diocese de Pemba em quatro regiões pastorais: **Região Norte:** Palma, Nangade, Mocímboa da Praia, Mueda, Imbuho, Nangololo (Muidumbe), Macomia, Meluco e Quissanga; **Região Sul:** Montepuez, Balama e Namuno; **Região Centro:** Ancuabe, Chiúre, Minhowene, Ocua, Mazeze, Meza e Metoro e **Região Urbana:** Pemba cidade: Sé Catedral- S. Paulo, Paróquia Maria Auxiliadora, Paróquia S. Carlos Lwanga de Mahate e Paróquia Santo Agostinho de Gingone), Mecúfi, Miéze e Pemba Metugi. Para cada uma destas regiões foi nomeado um vigário episcopal.

O seu plano pastoral tinha como objetivo garantir um maior crescimento da autossustentabilidade e a formação dos educadores na fé. D. Luiz Fernando Lisboa, quando toma posse como bispo da Diocese de Pemba, traça um novo programa da pastoral, focado na renovação da pastoral vocacional. Solicitou a presença de várias Congregações Religiosas, masculinas e femininas. Atualmente, D. António Juliasse

³⁸ Cf. João Pedro de Verona Duarte Chantre, «Cooperação Missionária para o Desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba» (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019), 78.

Ferreira Sandramo é o bispo da Diocese de Pemba e, simultaneamente, o presidente da Comissão Justiça e Paz na Conferência Episcopal de Moçambique (CEJP).

1.3.2. A descrição do modelo pastoral ou ação pastoral da Diocese de Pemba

Em setembro de 1977, foi celebrada a Primeira Assembleia Nacional de Pastoral, acontecimento que recolheu a “novidade” que ocorreu na Igreja local desde a Independência. Começou a sentir-se uma verdadeira Igreja de base, onde a vida, a distribuição das tarefas, a participação nas atividades, espelhavam uma Igreja ministerial e de comunhão, muito mais próxima da cultura do povo e dos anseios de um povo já independente. Dando continuidade aos mesmos objetivos traçados na Primeira Assembleia Nacional de Pastoral, na Segunda Assembleia Nacional de Pastoral estes foram retomados, nomeadamente um plano de construção de uma Igreja de base, de comunhão e de família, ou seja, uma Igreja ministerial.

Na Terceira Assembleia Nacional de Pastoral, realizada na Beira, em 2005, instituiu-se a valorização e a formação dos agentes de evangelização para as pequenas comunidades cristãs ministeriais: a pastoral da juventude, a pastoral da liturgia, a pastoral da família e a inculturação do povo ao Evangelho. Em 2007, foi celebrado o jubileu da Diocese, um evento marcante que coincidiu com a presença de algumas Congregações femininas. A Terceira Assembleia Nacional de Pastoral foi o marco que possibilitou a preparação da Oitava Assembleia Diocesana de Pastoral. A Igreja de Pemba estava totalmente dependente dos missionários. Assim, esta Assembleia foi pensada para a autossustentabilidade da Igreja local, porque a própria Diocese reconheceu que “de coisas recebidas não se constrói celeiro”.

Como já foi referido, em 2007 foi celebrado o jubileu da Diocese, um acontecimento ímpar e único da sua história e da sua evangelização. Este evento foi lançado por D. Ernesto Maguengue a 5 de abril de 2006, com a missa de abertura da Porta Santa, celebrada na Catedral de S. Paulo de Pemba. Um dos grandes objetivos deste jubileu consistia em dar “um significado vincadamente de santificação do Povo de Deus e cumulação de graças da parte do Criador”. Foi precisamente a seguir a este

evento que se realizou a Décima Assembleia Diocesana de Pastoral.³⁹ Uma vez interpelada pela celebração do jubileu, a Diocese preocupou-se em encontrar novos caminhos que deviam ser trilhados para o fortalecimento do dom precioso da fé.

A Décima Assembleia Diocesana de Pastoral, realizada em 2010, tinha como lema “ façamos do anúncio do Evangelho da vida hoje prioridade das prioridades”, possibilitando assim, a sintonização das atividades pastorais de todas as paróquias e comunidades cristãs. A Décima Primeira Assembleia Diocesana de Pastoral, realizou-se em 2014. Após a realização da Décima Primeira Assembleia nos níveis da base, isto é, na comunidade, zona, Paróquias e Regiões, foi presidida por D. Luz Fernando Lisboa e teve por lema “ profecia, discipulado e missão na nossa Diocese hoje”⁴⁰, e como objetivo o método de ver, julgar e agir. Quanto à Décima Segunda Assembleia Diocesana de Pastoral, esta foi importante para ajustar e acrescentar alguns pontos importantes para o funcionamento da diocese. Aos poucos, a Diocese de Pemba crescia, sobretudo com a presença de missionários e missionárias. Porque é que as Assembleias Diocesanas de Pastoral foram fundamentais para a diocese? Efetivamente, a Diocese de Pemba tem quatro regiões pastorais, mas com inúmeras comunidades, designadas por aldeias. Deste modo, as Assembleias Diocesanas de Pastoral foram pertinentes porque, através delas, foi possível sintonizar a pastoral, sobretudo os passos e orientações que as paróquias e as comunidades paroquiais deveriam seguir, estando toda a diocese em sintonia.

Numa diocese em que as comunidades são diversas, a possibilidade de cada comunidade implementar os seus programas sem estar em sintonia com a diocese seria maior; por isso, chegou-se ao ponto de se pensar na elaboração de um diretório diocesano de pastoral. A ideia da elaboração do diretório diocesano de pastoral avançou com o Dom Luiz Fernando Lisboa, após ter reunido com o Conselho Permanente do Conselho Presbiteral, no ano de 2017, onde apresentou e foi aprovada a estrutura do referido diretório. Nessa altura, a organização interna do Diretório, seguiu os seguintes pontos: introdução; 1. Anúncio: «aí de mim se não evangelizar» (1Cor 9, 16); 2. Comunhão e serviço: «vós sois o corpo de Cristo» (1Cor 12, 27); 3. Caridade e

³⁹ Cf. Filpo, *Testemunhas de uma memória viva: história da evangelização da Província de Cabo Delgado*, 290–91.

⁴⁰ Cf. Filpo, 307.

testemunho: «revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição» (Col 3, 14); 4. Liturgia: «fazei isto em memória de Mim» (1Cor 11, 24); e 5. Anexos.

A ação pastoral refletia as necessidades da Diocese; por isso, muitas vezes, a educação era o ponto de partida para a evangelização. As escolas de formação para futuros professores eram um meio de formar também os catequistas e os animadores das comunidades cristãs. No tempo da guerra civil, não havia missionários nem missionárias para orientar as comunidades cristãs; portanto, os leigos assumiam essa tarefa, daí a importância dos leigos na Igreja de Pemba. Foram eles que levaram a cabo a evangelização, que assistiam aos batismos, casamentos e funerais. Dificilmente o padre podia percorrer todas as comunidades cristãs; porém, os animadores e catequistas assumiam as comunidades para a celebração da Palavra.⁴¹ Este modelo pastoral contribuiu para dar um novo panorama à pastoral.

1.3.3. A insurgência em Cabo Delgado-Pemba

Com a descoberta de numerosas fontes de riqueza natural na Província de Cabo Delgado (gás, petróleo, grafite, rubis), e com a radicalização de jovens de Mocímboa da Praia, juntamente com um número elevado dos jovens da Tanzânia que residiam no distrito de Mocímboa da Praia, o ano de 2017 abriu um novo foco de tensão. Estes jovens frequentavam regularmente as mesquitas, mas eram diferentes dos outros muçulmanos. Estavam munidos de facas, afirmando que o verdadeiro Islão era o que eles ensinavam e praticavam.

Um grande número dos jovens de Cabo Delgado, e outros vindos de outros lugares, aderiu a estes movimentos radicalizados, sectários e sem rosto. Por um lado, esta adesão foi alimentada pela falta do pão para o sustento próprio e da família; por outro lado, ganhou força na falta de emprego. Deste modo, fazer parte destes movimentos serviu de ajuda para sustentar as suas vidas e a vida dos seus familiares. A denominada “insurgência” estendeu-se a quase toda a zona norte de Cabo Delgado, obrigando o povo a abandonar as suas terras de origem.

Desde 2017, a Província de Cabo Delgado está cheia destes grupos, que alguns classificam de “jihadista”, mais comumente designados por insurgentes. Tudo

⁴¹ Cf. Arquidiocese de Nampula, *Diretório de Pastoral* (Nampula: Arquidiocese de Nampula, 2004), 8.

começou com a construção de várias mesquitas nos distritos de Mocímboa da Praia, Palma e Nangade, a zona Norte da Diocese de Pemba, difundindo novas concepções da religião islâmica. Foram estes movimentos, que se afirmavam religiosos (o grupo *Ahlu Sunnah Wa-Jammá*), que deram origem a um ambiente de competição da política interna.⁴²

Um conflito armado com a participação de forças militares estrangeiras, um clima de suspeição generalizado, a deslocação em massa de populações, a destruição de estruturas escolares e sanitárias, inúmeras mortes por decapitação, a fuga das equipas missionárias dos locais em conflito, a desestruturação de famílias. Estes factos, que ainda permanecem, têm sido postos em relevo até pelo Papa Francisco que, em 2024, voltou a lamentar a violência contra as populações indefesas, a destruição de infraestruturas e a insegurança que continua a espalhar-se na província de Cabo Delgado, Moçambique.

⁴² Cf. João Feijó e Jerry Maquenzi, «O processo de insurgência armada em Cabo Delgado», *Observatório do meio rural* 64 (2019): 3–4.

2. PARA UMA PASTORAL JUVENIL

Presentemente, pensar na pastoral juvenil é quase que antecipar um novo caminho para as mudanças socioculturais, geográficas, sociais, eclesiais e ambientais que vão sucedendo. No contexto atual dos jovens, a pastoral juvenil deve inserir-se nesse processo de ser e construir uma Igreja em saída, pobre e para os pobres.⁴³ É preciso reconhecer a radicalidade das mudanças que estão a acontecer nos últimos tempos; isto diz respeito também à religião, à família, à educação, à sociedade, à escola e às relações, que estão, cada vez mais, a mudar drasticamente.⁴⁴ A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, publicada em 2019, é fruto de várias reflexões do Sínodo sobre “Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional” realizado em 2018. Neste documento, *Christus Vivit*, o Papa Francisco pretende analisar as novidades que podem ser úteis na evangelização da juventude.⁴⁵

A partir destas novidades, para as quais o Papa Francisco nos desafia para que possa haver uma evangelização da juventude, é necessário, antes de mais, entender o que é e como deve ser a pastoral juvenil atualmente, adaptando-a aos contextos dos jovens. Quanto à pastoral juvenil, define-a como

[...] a ação da Igreja junto dos jovens para que descubram, sigam e anunciem Jesus Cristo dentro de comunidades concretas, em ordem a uma maturidade tal que os capacite para optar vocacionalmente na Igreja, por um dos estilos de vida (laical, religioso, sacerdotal) e a comprometer-se historicamente na libertação integral das pessoas e das sociedades, chegando a uma vida de comunhão e participação.⁴⁶

Não é estranho que dentro da Igreja, como instituição, os jovens possam ter sentimentos e olhares diferentes. A maioria deles olha a Igreja com ressalvas, desconfiança e até indignação diante de posturas de julgamento, perseguição, abusos, contratemunho e corrupção.⁴⁷ Por isso, a pastoral juvenil continua a ser um tema muito complexo e com variadas formas de exprimir e interpretar. Neste sentido, este capítulo pretende estudar e perceber o contexto e a realidade concreta dos jovens de hoje. A pastoral juvenil é um processo contínuo, que corresponde ao tempo próprio da juventude. Como está explícito na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, «a juventude é um tempo abençoado para o jovem e uma bênção para a Igreja e o mundo» (*CV*, n.135).

⁴³ Cf. Diego Isotton e Luis Duarte Vieira, «Christus vivit: novidades na evangelização da juventude», *Annales Faje* 6 (2021): 81, <https://doi.org/dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v39i132.75>.

⁴⁴ Cf. Isotton e Vieira, 82.

⁴⁵ Cf. Isotton e Vieira, 82.

⁴⁶ Barbosa, *Jovens do futuro: proposta para uma pastoral de jovens*, 118.

⁴⁷ Cf. Isotton e Vieira, «Christus vivit: novidades na evangelização da juventude», 84.

A existência de um determinado grupo de jovens, coordenados no âmbito da Igreja local, faz da diocese um espaço específico e direto de ação pastoral entre eles e de ajuda de outros jovens.⁴⁸ Deste modo, uma pastoral juvenil para os tempos atuais serve de análise e de estudo dos seguintes pontos: os problemas e os desafios da juventude na atualidade; para uma nova evangelização no mundo juvenil; educar a juventude para a justiça e a paz; a difícil integração dos jovens na Igreja e na sociedade; os desafios dos agentes da pastoral juvenil; juventude no mundo atual; Igreja como escola da fé; a pastoral juvenil no contexto atual; Igreja com ou sem a juventude e uma proposta pastoral; os jovens e a religião.

«Uma Igreja que não aposta na pastoral juvenil é porque não quer que as novas gerações se apropriem pessoalmente do património de fé».⁴⁹ Certamente, este tipo da Igreja será sempre fechada aos jovens e à humanidade em geral, permitindo que a humanidade desconheça o Evangelho e a pessoa de Jesus Cristo, abrindo, conseqüentemente, espaço para «uma geração que não se coloca contra Deus ou contra a Igreja, mas uma geração que está a aprender a viver sem Deus e sem a Igreja».⁵⁰ A pastoral juvenil deve ser uma prioridade em todas as Igrejas, e cada Igreja, em particular, deve ser responsável por encontrar meios para garantir a participação dos jovens nas comunidades eclesiais. Nos dias de hoje, muitos jovens andam inquietos, em busca de um espaço acolhedor e integrador, seja na Igreja, na política ou até mesmo na sociedade.

2. A pastoral juvenil: contexto histórico e cultural

Os sentimentos, os desafios, os problemas e as reviravoltas marcam a realidade histórica e cultural do mundo juvenil de todos os tempos. Porém, importa perceber em que tempo nos situamos e que tipo de jovens pretendemos estudar para uma pastoral juvenil que responda às situações atuais da juventude. Na verdade, «a juventude, entre a infância e o mundo dos adultos, sempre esteve presente, com suas diversidades e conflitos, inseridos nas culturas e nas épocas; em muitas delas, a juventude

⁴⁸ Cf. Miguel Orive Grisaleña, «Juventud (pastoral de la)», em *Dccionario de Pastoral y Evangelización*, ed. Vicente M^a Pedrosa, Jesús Sastre, e Raúl Berzosa (Burgos: Monte Carmelo, 2000), 621.

⁴⁹ Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da nova evangelização», 75.

⁵⁰ Armando Matteo, *A primeira geração incrédula: a difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2010), 8–9.

simplesmente era ignorada».⁵¹ Na Idade Média, o perfil dos jovens correspondia à sua juventude: o seu modo de vestir, o seu comportamento, a busca pela perfeição corporal, nada tinham a ver com o mundo dos adultos. Na Idade Moderna, os jovens não se apresentam com o mesmo perfil, uma vez que a forma como interagem com o mundo que os circunda é completamente consternadora: formam grupos violentos, não querem saber de quase nada, preferem uma vida facilitadora; no entanto, é também uma geração de busca, pois, para romper com as normas estabelecidas, entram no mundo de “pregar partidas” e de contestar tudo aquilo que obscurece a liberdade humana.⁵²

O importante é perceber que, hoje, ser jovem é um desafio para a própria sociedade. A juventude é compreendida como um período que ocorre entre as fases da infância e a idade adulta, e considera-se, ainda, como uma fase final da adolescência, a fase da passagem da dependência para autonomia, da consciencialização, da tomada de posições responsáveis perante o mundo e os valores ideológicos e culturais.⁵³ No sentido sociológico, o ser humano é pensado como um indivíduo que, biológica, mental e socialmente, evolui da fase infantil para as fases adultas, sendo a juventude uma fase intermédia.

Por isso, a ideia que temos de adolescência e de juventude está, muitas vezes, associada às noções de desordem e de crise.⁵⁴ Deste modo, pensar uma pastoral juvenil requer uma certa aproximação aos jovens, criando relações sociais e dando um testemunho de vida correspondente ao seu modo de viver com eles. Nas últimas décadas, a pastoral juvenil foi desenvolvida a partir de uma perspectiva diocesana, passando pela crise dos Movimentos de Ação Católica, que pretendiam encontrar novas fórmulas pastorais. Neste sentido, houve um grande contributo, não apenas de procurar as tentativas para superar as crises e o ressurgimento de outros movimentos juvenis, mas também de despertar o sentido da comunidade, bem como o nascimento e a consolidação de grupos de jovens nas paróquias.

⁵¹ Antonio Ramos do Prado, ed., *Cultura juvenil: perspectivas e desafios para novos tempos*, Pia Sociedade de São Paulo (São Paulo: Paulus, 2015), 7.

⁵² Cf. Prado, 7.

⁵³ Cf. Paulo Jorge Monteiro Lopes, «O Papa João Paulo II e as Jornadas Mundiais da Juventude: critérios para um diálogo com as culturas juvenis, a partir das suas mensagens» (Mestrado Integrado em Teologia, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2018), 8–9, <http://hdl.handle.net/10400.14/26742>.

⁵⁴ Cf. Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto e Maria Juracy Filgueiras Tonelli, «Juventude: desafiando a definição predominante através dos tempos», *Psicologia Argumento* 23, n.º 41 (2005): 1.

Entretanto, a pastoral juvenil foi delimitada, a fim de alcançar a configuração, pelo que, hoje, é entendida numa perspetiva específica de trabalho com jovens, tendo como eixo o quadro diocesano. Do ponto de vista teológico, a pastoral juvenil é fundamentada a partir dos pressupostos da eclesiologia da Igreja local e do nível operativo, com os fundamentos dos elementos do planeamento pastoral.⁵⁵ Vários especialistas que procuraram aprofundar este tema da pastoral juvenil falam com mais clareza sobre as pessoas que estão dentro da Igreja, sejam jovens, adultos, padres, estudantes de teologia, bispos e outros. Em termos teóricos entende-se a PJ

como a praxis (prática, ação concreta) desenvolvida pela Igreja, animada pelo Espírito do ressuscitado, para levar o Evangelho aos jovens. Não se trata, portanto, de uma “pastoral a brincar” feita pelos jovens, estilo as jotas partidárias. Não se trata de uma pastoral de entretenimento, destinada a “segurar” os jovens com umas atividades giras, incapaz de propor o Evangelho da sua totalidade.⁵⁶

O tempo presente está marcado pelas mudanças sucessivas, o que obriga a Igreja e a sociedade em geral a pensar em novas metodologias mais fiáveis, sem estarem agarrados aos costumes metodológicos, baseados em percentagens e leituras gráficas.⁵⁷ Uma pastoral juvenil deve corresponder sempre aos problemas do tempo e do espaço em que vivem os jovens, mas sem se fixar nos métodos doutrinários.

A década de 1985/1995 ficou marcada pela proclamação do ano internacional da juventude. Foi precisamente nesta altura que a juventude se definiu como uma construção social e cultural. Em 1985, o Ano Internacional da Juventude procurou incentivar e promover a juventude na participação mais inclusiva e ativa na sociedade. Os jovens foram uma grande aposta como agentes de renovação das comunidades. Do mesmo modo, o Papa Francisco, considera uma pastoral juvenil como aquela que deve aceitar a mudança em todos os âmbitos e adquirir outra

flexibilidade, convidando os jovens para os acontecimentos que, de vez em quando, lhes proporcionem um espaço onde não só recebem uma formação, mas lhes permitam também partilhar a vida, festejar, cantar, escutar testemunhos concretos e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo (*CV, n. 204*).

Pensar sobre a PJ obriga a traçar os objetivos concretos, ou seja, a propor uma pastoral com os jovens numa Igreja ou numa paróquia muito bem fundamentada, com clareza de objetivos e consciência dos passos metodológicos que serão definidos. Para

⁵⁵ Cf. Orive Grisaleña, «Juventud (pastoral de la)», 621.

⁵⁶ Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da nova evangelização», 72.

⁵⁷ Cf. Vítor Feytor Pinto, «Perspetivas pastorais e prioridades de ação na pastoral juvenil», *Communio (revista internacional católica)*, 1985, 279.

uma boa orientação dos passos metodológicos, será sempre importante seguir estes pontos:

1. Partir de uma realidade, a situação atual dos jovens do ponto de vista religioso, devidamente analisada e discernida; 2. Demonstrar, ao nível das ideias e dos factos, uma opção preferencial pelo trabalho com os jovens; 3. Definir e especificar os objetivos, as estratégias, as táticas e os meios de ação a utilizar na pastoral juvenil; e 4. Visar uma realização ou meta final em linha com a comunidade cristã, ou seja, aquilo que significa criar a Igreja hoje a partir dos jovens.⁵⁸

Hoje, muitos jovens estão inseridos numa realidade desafiadora, procurando um sentido para a sua vida. O desafio da Igreja é ser um lugar de acolhimento e do encontro, para que os jovens estejam em comunhão com Deus. O mundo moderno é marcado pela sociedade de jovens que se orientam pela memória, e o grande desafio para pastoral juvenil consiste sobretudo nas seguintes coordenadas: a descoberta das necessidades concretas destes jovens, partindo de conhecimento dos meios disponíveis; instrumentos pastorais, reconhecimento do que se está a fazer; definição de pontos comuns de atividade pastoral; e o respeito pelo carisma que cada movimento possui na sua pastoral.⁵⁹

Durante muito tempo, a pastoral juvenil continua com os mesmos modelos e com os mesmos métodos, que foram, e são, muitas vezes, métodos que não correspondem ao estilo de vida dos jovens e não servem para responder «às suas inquietudes, às necessidades, aos problemas e feridas» (*CV, n. 202*). Porque tudo estava sobrecarregado de normas, não permitindo aos jovens o aprofundamento e crescimento da sua fé. Estava muito delimitado com vários parâmetros que implicavam um comportamento mais estruturado; por isso, havia sempre dificuldades em implementar outras dinâmicas.⁶⁰ A pastoral juvenil para os tempos atuais deve partir sempre de uma nova hermenêutica, de uma nova linguagem, de novos métodos, e ter a consciência das mudanças culturais e sociais que se ocorrem no mundo juvenil.

⁵⁸ Cf. Secundino Movilla, «Juventud», em *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, ed. Casiano Floristan e Juan-Jose Tamayo (Madrid: Cristiandad, 1983), 535.

⁵⁹ Cf. Pinto, «Perspetivas pastorais e prioridades de ação na pastoral juvenil», 281.

⁶⁰ Cf. Pinto, 287.

2.1. A pastoral juvenil a partir da exortação apostólica *Christus Vivit*

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, apresentada pelo Papa Francisco no ano de 2019, é uma das exortações apostólicas que aborda com mais objetividade a questão da pastoral juvenil. Daí a necessidade de nos questionarmos sobre o que é pastoral juvenil.

Para responder a esta pergunta é importante reconhecer que a pastoral juvenil está orientada para dois níveis concretos: Deus e os jovens; e que, na pastoral juvenil, emergem o seu sentido e a sua qualidade o seu sentido e a sua qualidade emergem, ativando um confronto entre a paixão evangelizadora e a paixão juvenil. Um confronto entre a paixão evangelizadora da comunidade eclesial e a situação concreta dos jovens.⁶¹

O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica *Christus Vivit*, apresenta duas ideias fundamentais para contextualizar a realidade concreta dos jovens e o modo como se pode entender a pastoral juvenil. A primeira ideia fundamenta-se no reconhecimento das mudanças e de que esta deve adaptar-se à pastoral juvenil; a segunda é sobre como se deve fazer, a partir destas mudanças do mundo atual, para encontrar um novo aprofundamento da participação mais ativa na pastoral de conjunto, que possa estabelecer a maior comunhão e uma melhor coordenação nas atividades. Isto implica, pois, um grande esforço, dado que o contexto atual nos obriga a seguir dois caminhos: o caminho de tomar a consciência de que é toda a comunidade que deve evangelizar os jovens e a urgência de que os jovens sejam protagonistas nas propostas pastorais, ou seja, de que a presença deles nas propostas decisivas da comunidade seja significativa.

A exortação apostólica *Christus Vivit*, não serve de manual de orientação ou de guia prático para a pastoral juvenil. O que se pretende neste documento é suscitar a consciência da Igreja e da sociedade para pensar numa pastoral juvenil que vá ao encontro das inquietações, sensibilidades e diversidades dos problemas dos jovens no mundo de hoje.

Os jovens devem ter um espaço onde possam «compartilhar a vida, festejar, cantar, escutar testemunhos concretos e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo» (*CV*, n. 204). A mudança torna-se necessária e urgente para que a pastoral juvenil seja compreendida de forma sinodal, ou seja, o caminho feito em conjunto. Esta mudança implica também «a valorização dum dinamismo de corresponsabilidade dos

⁶¹ Miriam Gallego, «La dimensión educativa de la Pastoral Juvenil, The educational dimension of pastoral youth service», *Universidad politécnica salesiana* 8 (2013): 11.

carismas que o Espírito dá a cada um dos membros [da Igreja], de acordo com a respetiva vocação e missão» (CV, n. 206).

O documento realça também as duas linhas de ação para uma pastoral juvenil: a busca, isto é, independentemente das suas dificuldades, cada jovem encontra um caminho que o leva a Cristo; e o crescimento, depois de uma experiência adquirida durante o seu percurso, cada jovem encontra um outro sentido para a sua vida, o sentido que lhe permite partilhar a sua experiência com outros jovens. Estas duas linhas exigem um conhecimento mais profundo da identidade destes jovens, porque cada jovem tem o seu perfil e o seu modo de viver a sua fé. Porém, «os jovens anseiam por um estatuto especial, um espaço próprio que os identifique, isto é, algo que lhes tragam motivação».⁶²

A exortação apostólica *Christus Vivit* confronta o estilo de pastoral juvenil, sobrecarregado de obrigações, normas, hábitos, métodos já traçados, que não permite outras dinâmicas. A questão não é esquecer o método e o estilo utilizado, obtendo bons resultados na pastoral juvenil, mas, sim, a partir destes métodos, encontrar novos caminhos ou meios que podem ser úteis para a pastoral juvenil no contexto atual.

Os jovens têm o desejo de encontrar um espaço acolhedor, onde se reconheça a capacidade e a fragilidade deles, onde possam criar as suas expectativas. Deste modo, levanta-se a seguinte questão: hoje, que espaços encontram os jovens dentro da Igreja? Numa entrevista, feita pelo CMAB (Centro Missionário da Arquidiocese de Braga) ao Dom Luiz Fernando Lisboa, fala-se da importância da manifestação dos jovens e dos caminhos vislumbrados na Igreja, após a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que decorreu em Lisboa, em 2023. O atual bispo de Cachoeiro de Itapemirim, no Brasil, afirmou que “os jovens são a Igreja”. Hoje, a Igreja precisa de ter a noção de que não há Igreja sem jovens, e de que não há jovens sem Igreja. A Igreja deve ser o lugar para os jovens, e os jovens, através da amizade com Cristo, podem ser os membros servidores das comunidades eclesiais.⁶³

É preciso que a Igreja não se esqueça do caminho que, presentemente, é chamado a percorrer, o caminho da sinodalidade. Do mesmo modo, será urgente

⁶² Lopes, «O Papa João Paulo II e as Jornadas Mundiais da Juventude: critérios para um diálogo com as culturas juvenis, a partir das suas mensagens», 25.

⁶³ Cf. Luiz Fernando Lisboa, Uma Igreja em constante mudança, para ser a mesma Igreja, entrevistado por Arquidiocese de Braga, 2023, 2, <https://www.diocese-braga.pt/noticia/1/38423>.

aprofundar o sentido da pastoral juvenil popular, pois ela reúne alguns pontos úteis para a pastoral juvenil no contexto atual. Porque está sempre presente,

um estilo, tempos, ritmo e metodologias diferentes. É uma pastoral mais ampla e flexível que estimula, nos distintos lugares onde se movem concretamente os jovens, as lideranças naturais e os carismas que o Espírito Santo já semeou entre eles.⁶⁴

A Igreja não pode se fechar em si mesma, sem levar a sério a pastoral juvenil. Sendo a Igreja um lugar onde todos os batizados e não batizados fazem parte da criação de Deus é sempre desafiada a saber dialogar com o mundo de hoje, sobretudo com a juventude do nosso tempo.

2.2. Os problemas e os desafios da juventude na atualidade

Os tempos nunca são iguais, muito menos a realidade. A cultura juvenil é uma realidade que vai mudando e transformando ao longo dos tempos. Portanto, a Igreja e a sociedade confrontam-se com os vários problemas da cultura juvenil. Estes problemas correspondem sempre aos problemas do tempo presente. Nota-se que a vida da juventude contemporânea é marcada por problemas notáveis e significativos, desde logo o fracasso, a injustiça, a violência social, a droga, que, em certa medida, tornaram instável o seu próprio futuro. Na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, o Papa Francisco considera este fracasso dos jovens uma das consequências dos problemas dos seus pais e avós, e que «os seus sonhos acabaram queimados na fogueira da injustiça, da violência social, do salve-se quem puder. Claro que, se os jovens cresceram num mundo de cinzas, não é fácil para eles sustentar o fogo de grandes ilusões e projetos» (CV, n. 216).

Estes problemas são desafios para este tempo. Os jovens estão mergulhados numa sociedade e numa cultura radicalmente diferente da cultura em que cresceram e foram educados os seus pais. Mesmo a iniciação cristã dos adolescentes e dos jovens, para a sua integração eclesial, levantam outros problemas no mundo atual.⁶⁵ Estas situações não trazem nenhum benefício para uma juventude comprometedora.

⁶⁴ Franciscus, «Exortação apostólica pós- sinodal *Christus Vivit*: aos jovens e a todo o povo de Deus» (Libreria editrice Vaticana, 2019), 53, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.pdf.

⁶⁵ Diocese do Porto Conselho pastoral diocesano, «A pastoral juvenil hoje: novos sinais dos tempos... novos desafios... novas propostas...» (IV Reunião plenária, Pemba: Pro Manuscriptum, 2002), 6.

Certamente, espera-se uma elite de jovens que não querem saber nada nem fazer nada, mas que estão no mundo para cumprir o seu dever de viver como criaturas de Deus.

Alguns problemas que surgem na juventude estão relacionados com a sua própria rebeldia. Na década de 1960, o sociólogo Georges Lapassade, ao fazer comentário sobre a juventude formada por “rebeldes sem causa”, notou que

a inadaptação da juventude à vida coletiva e sua oposição às condições de existência dita “adulta” manifestam-se sobretudo nos países mais industrializados do mundo contemporâneo. Um pouco, em toda a parte neste mundo, uma minoria de jovens, reunidos em grupos “informais”, vive à margem, desenvolve condutas agressivas, chama a atenção do público e dos observadores por meios que estão fora da ordem estabelecida.⁶⁶

A rebeldia juvenil é marcada pela evolução do indivíduo, de alguém que faz a transição da adolescência para juventude, e desta para a fase adulta, sem criar grandes problemas. Atualmente, a rebeldia traduz-se pela ignorância, permitindo que o indivíduo crie ideologias, de forma direta ou indireta. Estas ideologias surgem como meras aparências, e a pessoa acaba por viver na ilusão social, num mundo de “*pseudoconcreticidade*”, isto é, o mundo de ideologias que tomam a aparência pela essência.⁶⁷

Observa-se ainda que o processo da individuação, quando este é realizado durante a juventude, não é um momento de tranquilidade. Provoca outros problemas emocionais, conflitos com os pais e com os valores sociais.⁶⁸ Por um lado, a juventude apresenta vários problemas e, por outro lado, a Igreja e a sociedade não podem permitir que os problemas dos jovens sejam o motivo da não-ressocialização da sociedade moderna. Porque a ressocialização prepara o indivíduo para assumir o papel de adulto-padrão, de uma forma repressiva e coercitiva, o que leva ao indivíduo a exercer uma violência disciplinar e cultural; no entanto, essa violência não serve apenas para reprimir, ou seja, impedir a manifestação de ideias, valores, sentimentos e comportamentos, mas também para exercer coerção, isto é, incentivar as ideias, os valores, os sentimentos, os comportamentos, por parte dos indivíduos.⁶⁹

⁶⁶ Cf. Nildo Viana, «Juventude, Contestação, Autogestão», *Subalternidade, trânsitos e cenários – II Simpósio de Ciências Sociais GT 09: Pesquisa Sobre Juventude nas Ciências Humanas*, S.D, 4.

⁶⁷ Cf. Viana, 6.

⁶⁸ Cf. Viana, 4.

⁶⁹ Cf. Viana, 7.

2.3. Para uma nova evangelização no mundo juvenil

Atualmente, a evangelização adquiriu uma redobrada importância na vida eclesial. A Igreja considerou-a sempre como um aspeto contínuo na vida dos fiéis e das pessoas ainda em busca da sua fé. Paulo VI, na sua exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, considerou pertinentes alguns elementos que não devem faltar na ação evangelizadora.

Na ação evangelizadora da Igreja há certamente elementos e aspetos que se devem lembrar. Alguns deles são de tal maneira importantes que se verifica a tendência para os identificar simplesmente com a evangelização. Pode-se assim definir a evangelização em termos de anúncio de Cristo àqueles que o desconhecem, de pregação, de catequese, de batismo e de outros sacramentos que hão de ser conferidos. Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais (*EN, n. 17*).

Neste sentido, a evangelização consiste sempre nesta mudança interior que a Igreja procura para, através da “potência divina”, chegar às pessoas, convertendo a consciência pessoal de cada um, bem como a coletiva. Na evangelização há uma vida concreta que se evangeliza. Assim, quando se trata de evangelizar os jovens, é preciso ter a noção da vida concreta que se quer evangelizar; por isso, ela deve corresponder sempre à realidade, ao espaço, ao tempo e às situações destes jovens.

Não se pode evangelizar sem o entusiasmo, pois o objetivo da evangelização não é impressionar os jovens, mas, sim, para levar Cristo aos jovens. As marcas da juventude são a alegria, a esperança, a transparência, a audácia, a criatividade, o idealismo; e sem essa pródiga juvenil, a evangelização não será despertadora e nem poderá levar aos jovens à conversão.⁷⁰ Desta forma, será possível pensar uma nova evangelização que se impõe diante do desafio de manter sempre viva e atual a novidade do Evangelho. O tempo presente tem os seus desafios, e os jovens de que falamos são tempo, são sempre confrontados com os seus problemas da fé.

A faceta que caracteriza esta nova geração da juventude é a criatividade. Armando Matteo, no seu livro intitulado *A primeira geração incrédula: a difícil relação entre os jovens e a fé*, considera os jovens atuais dotados de um grande domínio exercido pelos meios de comunicação, pela música, fotografia, dança, pelo canto, pela

⁷⁰ Cf. Secretariados diocesanos da educação cristã da juventude Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu, ed., *O papa fala aos jovens: discursos e homilias do papa João Paulo II aos jovens dos países que visitou até 1982* (Aveiro, 1983), 13.

web, estando ainda ligados ao mundo dos blogues.⁷¹ Talvez, seja este o motivo pelo qual o mesmo autor afirma:

Já terminou a época de uma evangelização primária substancialmente confiada à família e à escola, e começa agora a de uma comunidade que tome seriamente a seu cargo a primeira geração incrédula do Ocidente, à qual ofereça uma generosa hospitalidade nos próprios lugares e, sobretudo, no próprio coração. Chegou também a hora de tornar mais leve o aparelho eclesial e eclesiástico, para um testemunho mais nítido ao amor do Reino e ao Reino do amor.⁷²

Armando Matteo prioriza a existência de uma comunidade hospitaleira, isto é, uma comunidade acolhedora, capaz de criar espaços para a juventude. É preciso pensar em novos métodos, que sejam possíveis, para o amadurecimento da fé distorcida da sociedade juvenil. Os métodos criados pela Igreja, podem, por vezes, não chamar a atenção dos jovens para o anúncio do Evangelho. Na verdade, os jovens desejam encontrar métodos sem prescrições e sem preceitos. Mesmo a linguagem usada para a evangelização não chama a atenção do mundo juvenil. Os jovens têm muitas habilidades, mas os membros das comunidades parecem não lhes dar espaço para que as suas habilidades sejam partilhadas. Isto leva ao desinteresse dos jovens pela Igreja, e até por outras áreas do trabalho. A Igreja deve estar aberta às habilidades dos jovens de hoje, possibilitar-lhes um lugar onde possam ter a experiência de amizade com Deus, por intermédio das comunidades paroquiais.

Os jovens não se sentem protagonistas nas atividades caritativas e sociais. Os contextos em que estão inseridos não são iguais; por isso, cada Igreja precisa adquirir os métodos necessários para evangelizar os seus jovens. João Paulo II, eleito Papa da Igreja Católica em 1978, demonstrando a sua preocupação com a evangelização da juventude, disse-lhes: «Sim, a minha esperança, porque vós sois a promessa do dia de amanhã. Vós sois a esperança da Igreja e da sociedade».⁷³ Este reconhecimento que é feito aos jovens, reconhecendo-os como construtores do futuro da Igreja, permite-lhes tomar a consciência do valor que a Igreja tem por eles. Verdadeiramente, não há Igreja sem jovens, e não há jovens sem Igreja. Portanto, uma Igreja que não quer evangelizar a juventude é uma Igreja que não quer apostar nas novas e futuras gerações.

⁷¹ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 105.

⁷² Matteo, 113.

⁷³ João Paulo II, «Discurso do Papa João Paulo II aos jovens e crianças de associações e paróquias Italianas» (Dicastero per la comunicazione, 1978), 1, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781108_giovani.html.

Importa ainda perceber que, no âmbito da evangelização, é importante educar a juventude em várias dimensões, sobretudo na religiosa, na económica, na social, na ecológica e na política, possibilitando que a educação seja aberta e inclusiva, de modo que as novas gerações eclesiais possam ser o fermento ativo na transformação da sociedade.⁷⁴ Evangelizar os jovens requer um confronto com a honestidade, para que, deste modo, a verdade, que é Cristo, possa ser uma experiência comunitária. Como expressa D. Manuel Linda, bispo da diocese do Porto, «os jovens não têm de ter medo de afirmar a sua fé. Têm de se encorajar a eles mesmos e quem mais precisa, quem notam que está mais rebaixado, quem está com mais medo».⁷⁵

Contudo, apercebemo-nos de que, ainda hoje, muitos jovens receiam afirmar a sua fé. Pelo contrário, estes não devem ter receio de falar entre eles do modo como Deus entrou nas suas vidas e as transformou, despertando-os para o sentido da vida. Abrir as portas aos jovens não é a tarefa só da Igreja, mas sim de todos. Porque a responsabilidade de evangelizar os jovens é da Igreja, e a Igreja somos todos, enquanto batizados. Os jovens não são responsáveis pela sua evangelização, pois eles são os anunciadores de Cristo aos outros jovens.⁷⁶

2.4. A educação da juventude

A juventude é uma fase de experimentação, de busca, desafios e criatividade. A juventude é uma fase de maior energia, e a Igreja e a sociedade são lugares concretos onde os jovens devem ser educados para se tornarem mensageiros de uma nova esperança no mundo atual.⁷⁷ Os jovens precisam de ter uma nova pedagogia, pois atravessamos tempos difíceis. Neste sentido, compreender a realidade dos jovens de hoje implica saber que, «diante da realidade juvenil a proposta é se reconhecer frágil,

⁷⁴ Cf. Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da nova evangelização», 80.

⁷⁵ Diocese do Porto, «Porto: Escutar Deus na voz dos jovens é uma ocasião para ouvir propostas, questionamentos e críticas à Igreja», 2024, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/porto-escutar-deus-na-voz-dos-jovens-e-uma-ocasio-para-ouvir-propostas-questionamentos-e-criticas-a-igreja/>.

⁷⁶ Cf. Reginaldo Martins da Silva, «Propor a fé aos jovens à luz da Exortação Apostólica *Christus Vivit*», *Revista Contemplação*, n.º 21 (2020): 122.

⁷⁷ Cf. Benedictus XVI, «Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz: Educar os jovens para a justiça e a paz» (Libreria editrice Vaticana, 2011), 2, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.pdf.

limitado, humano como pressuposto para receber a graça divina. É fundamental nos reconhecermos humanos para podermos conhecer a Deus». ⁷⁸

A juventude de hoje é a construtora da juventude futura; porém, se a sociedade atual não presta atenção ao mundo juvenil do tempo presente, o mundo juvenil do futuro acabará por sofrer algumas consequências. As preocupações manifestadas pelos jovens no passado não diferem com as preocupações que se levantam atualmente. Bento XVI, na sua mensagem para a celebração do XLV do Dia Mundial da Paz, celebrada em 2011, ao reconhecer as preocupações dos jovens nos últimos tempos, afirmou que:

As preocupações manifestadas por muitos jovens nestes últimos tempos, em várias regiões do mundo, exprimem o desejo de poder olhar para o futuro com fundada esperança. Na hora atual, muitos são os aspetos que os trazem apreensivos: o desejo de receber uma formação que os prepare de maneira mais profunda para enfrentar a realidade, a dificuldade de formar uma família e encontrar um emprego estável, a capacidade efetiva de intervir no mundo da política, da cultura e da economia contribuindo para a construção duma sociedade de rosto mais humano e solidário. ⁷⁹

Nos tempos que vivemos, já não existe um sentido de comunidade, formada por pequenos grupos de jovens que se reuniam para debates ou conversas construtivas. Cada jovem estava disposto a partilhar os seus gostos e os seus desgostos. Na verdade, ainda se verifica esta “ânsia de comunidade” no mundo juvenil, mas na realidade é que estamos a transformar os jovens numa espécie de comunitarismo fechado e estéril, onde o individualismo é mais acentuado. ⁸⁰ Muitos jovens só se preocupam consigo mesmos, não têm interesse pelos acontecimentos do mundo; não procuram encontrar razões para explicar tudo o que se passa no mundo atual e preferem isolar-se. Não é possível exigir a paz ao mundo em que os promotores da paz são, na verdade, os protagonistas da guerra.

Quando se fala da educação dos jovens para a justiça e paz, por vezes caímos no perigo de atribuir a culpa à sociedade e de nos esquecermos que, no seio de cada família, há uma sucessão de coisas que acontecem, aos quais chamamos “valores”, ou mesmo “limites”. Desde logo, os comportamentos, os hábitos e a forma de estar no mundo. Estas sucessões de coisas marcam a identidade de uma determinada família, assim como a formação, o desporto, a cultura, a religiosidade, a sociabilidade e a ajuda aos outros. Existem também os “contravalores”, presentes em cada família onde os

⁷⁸ Silva, «Propor a fé aos jovens à luz da Exortação Apostólica *Christus Vivit*», 118.

⁷⁹ Benedictus XVI, «Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz: Educar os jovens para a justiça e a paz», 2.

⁸⁰ Cf. José Luís do Souto Coelho, *Os jovens a conquista da identidade* (Prior Velho: Paulinas, 2023), 8–9.

jovens de que falamos estão inseridos, nomeadamente a violência e os vícios que, de certa forma, marcam a identidade de cada família.⁸¹

É necessário que a educação dos jovens não seja apenas a responsabilidade da família, mas sim uma responsabilidade inculcada a todos, como diz o provérbio africano: “para educar uma criança é preciso toda a comunidade”. Sabemos que nem todos os jovens enfrentam problemas dramáticos, mas é preciso assegurar que muitos dos que se encontram nas situações difíceis possam ter apoio psicológico, espiritual e formação humana. O desafio dos jovens está nos mesmos, mas é preciso despertar para que cada um possa ser o que deseja ser. O Santo Padre Bento XVI desafiou cada um deles a tomar disso consciência.

Sabei que vós mesmos servis de exemplo e estímulo para os adultos, e tanto mais o sereis quanto mais vos esforçardes por superar as injustiças e a corrupção, quanto mais desejardes um futuro melhor e vos comprometerdes a construí-lo. Cientes das vossas potencialidades, nunca vos fecheis em vós próprios, mas trabalhai por um futuro mais luminoso para todos. Nunca vos sintais sozinhos! A Igreja confia em vós, acompanha-vos, encoraja-vos e deseja oferecer-vos o que tem de mais precioso: a possibilidade de levantar os olhos para Deus, de encontrar Jesus Cristo-Ele que é a justiça e a paz.⁸²

Os jovens devem ser formados para estarem atentos aos desafios do presente e do futuro. Portanto, um projeto formativo remete para um processo de crescimento dos próprios jovens. Deste modo, qualquer processo formativo deve ter presente a experiência fundante do encontro com Deus, através do qual Cristo serve de mediador entre Deus e os seres humanos, possibilitando a que cada jovem esteja inserido na comunidade, promovendo o amor fraterno, ao serviço da comunidade interna e externa.⁸³

O grande desafio da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* é a questão de reflexão e ação, propondo um seguimento das orientações e diretrizes para a Pastoral Juvenil no mundo atual.⁸⁴ O caminho que se deve propor os jovens não é, e nem será, fácil, mas também não é impossível pensar-se como poderemos ajudar a juventude do tempo atual. Na XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em 2012, sobre o tema “a nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, foi destacada a importância da pastoral ordinária. Num mundo em que a juventude está dispersa e à

⁸¹ Cf. Gonzalo Martínez Vázquez, «Jóvenes», *Sal terrae*, 2015, 410.

⁸² Benedictus XVI, «Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz: Educar os jovens para a justiça e a paz», 7.

⁸³ Cf. Coelho, *Os jovens a conquista da identidade*, 10.

⁸⁴ Cf. Isotton e Vieira, «Christus vivit: novidades na evangelização da juventude», 85.

procura de uma crença, a pastoral ordinária será deveras importante para o crescimento dos crentes, permitindo-lhes corresponder, cada vez melhor e com toda a sua vida, ao amor de Deus (*EG, n. 14*).

Ajudar os jovens a viver a sua fé não é apenas responsabilidade da Igreja, mas, sim, de todos: das dioceses, das paróquias e das comunidades. A juventude atual encontra-se numa rutura no que respeita a desigualdades sociais e trajetórias juvenis diferenciadas, que não correspondem ao padrão social esperado como: estudar, entrar no mercado de trabalho, casar e ter filhos.⁸⁵ Assim, seria ainda mais útil apostar na Pastoral Juvenil Popular, uma vez que esta tem uma abordagem específica dentro da pastoral juvenil, dedicando-se ao acompanhamento e à evangelização de jovens, especialmente daqueles que vivem em contextos populares e periféricos.

Atualmente, falar da pastoral juvenil é quase que falar dos desafios que a Igreja tem para com os jovens. A nossa preocupação centra-se em culpar os modelos traçados, as dinâmicas implementadas, e esquecemo-nos daquilo que não integra os jovens na Igreja e no mundo, ou seja, a questão do testemunho. Mesmo no contexto escolar, onde se pretende educar os jovens profissionalmente, devemos ser transparentes, porque evangelizar os jovens requer um certo dinamismo e um testemunho de vida que corresponda à nossa própria vida. A Igreja é uma escola evangelizadora que permite aos alunos descobrir Deus a partir da experiência de vida; é também o lugar de encontro entre irmãos que professam a mesma fé em Cristo Jesus.

Efetivamente, a Igreja, como escola evangelizadora da juventude, não pode perder o seu sentido de Evangelho, que abre o coração de cada um deles, propondo-lhes um estilo de vida; deve permitir que Deus ajude os jovens a discernir o modo como devem tomar as decisões para que possa haver um maior envolvimento no mundo e na Igreja.⁸⁶ A evangelização, como frisou Papa Francisco,

Está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho (*EG, n. 14*).

Nota-se, ainda, por parte dos jovens, uma grande preocupação da realidade onde estão inseridos, muitas vezes uma realidade marcada pela injustiça, pela violência e pela

⁸⁵ Cf. Silva, «Propor a fé aos jovens à luz da Exortação Apostólica *Christus Vivit*», 117.

⁸⁶ Cf. Benigno Álvarez Lago, «Los jóvenes: acciones y medios para llevar a los jóvenes a la fé», *Sal terrae* 1237 (2018): 830.

desigualdade. A maioria, quando chega à universidade, e mesmo nas fases finais da vida universitária, manifesta o desejo de se aproximar, conhecer e de se envolver na transformação.⁸⁷ Estas fases são extremamente importantes para o acompanhamento dos jovens, uma vez que os ajudam a concretizar os seus desejos. Não nos podemos distanciar dos jovens quando estes estão ainda num momento de procura e de busca pelo sentido de vida. É preciso estar com eles e, se possível, ir ao encontro deles.

2.5. A dificuldade da integração dos jovens na Igreja e na sociedade

Dependendo da sua nacionalidade, os jovens apresentam-se de uma forma diferente dos outros jovens; portanto, nunca se pode estabelecer uma comparação entre os problemas que apresentam. Ultimamente, a integração dos jovens na Igreja e na sociedade é muito preocupante, pelo simples motivo de que a sociedade atual olha para os jovens como pessoas sem garantia para o seu futuro. A título de exemplo, basta olharmos para a realidade da Diocese de Pemba, onde a vida dos jovens está totalmente distorcida e sem esperança de um futuro melhor. Poderíamos falar de outros que passam por diversos problemas, mas os jovens da Diocese de Pemba são o meu foco de atenção, porque são o centro da minha pesquisa.

Os jovens anseiam por uma Igreja com o testemunho das pessoas, que corresponde à vida numa renovação contínua. Querem que as comunidades cristãs os aceitem, abrindo-lhes a possibilidade de viver o sentido da festa e de encontrar o apoio comunitário. Desejam aprofundar o sentido de ser cristão nos dias de hoje e viver a vida na sua plenitude, como uma realização total do projeto que leva à felicidade.⁸⁸

Nos últimos tempos, a Igreja esteve muito atenta aos jovens, sobretudo depois do Vaticano II, dos sínodos sobre a Evangelização (1975),⁸⁹ da Catequese (1979)⁹⁰ e da

⁸⁷ Cf. Lago, 837.

⁸⁸ Cf. Pinto, «Perspetivas pastorais e prioridades de ação na pastoral juvenil», 285–86.

⁸⁹ Cf. Paulus VI, «Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi do Santo padre Paulo VI ao episcopado, ao clero aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo» (Libreria editrice Vaticana, 1975), https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.

⁹⁰ Cf. João Paulo II, «Exortação apostólica Catechesi Tradendae de sua Santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja sobre a catequese do nosso tempo» (Dicastero per la comunicazione, 1979), https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html.

Família (1981).⁹¹ Neste período, a grande preocupação era proporcionar-lhes uma nova visão do ser humano, do mundo e do universo. Foi precisamente este tempo, em que os jovens tiveram na Igreja a experiência comunitária mais profunda, que possibilitou o desejo de uma relação humana. Com a descoberta de Cristo e do encontro com Ele, o Salvador, encontraram o sentido da vida.⁹² Este tempo foi marcado pela liberdade interior, pela progressividade na iniciação, pela participação na vida comunitária. A Igreja ajudou muitos jovens a saber definir-se e a tomar decisões para as suas vidas, e mesmo para chegarem à descoberta da vocação para a qual cada um foi chamado ao serviço de Deus e do povo.

A dificuldade da integração dos jovens na política deve-se ao facto de esta ser vista como um espaço de manipulação e, por isso, a juventude não deposita nela as suas energias. Atualmente, nota-se uma grande diferença na participação dos jovens na política comparativamente ao passado. Muitos jovens revelam vontade de ajudar na construção de um mundo melhor, mas há uma falta de bases materiais mínimas de sobrevivência que impedem a sua participação na política.⁹³ Quando a juventude tem uma imagem negativa da política, ou seja, uma imagem que não ajuda ao bem comum, o futuro torna sempre um futuro de incertezas. Na verdade, na sociedade atual, muitos dos jovens vivem na incerteza, no ódio, nas expetativas e sem projetos.

Assim, como expressou o Papa Bento XVI, “prestar atenção ao mundo juvenil, (...) não é só uma oportunidade, mas um dever primário de toda a sociedade”. Contudo, “os jovens também devem ter a coragem de começar, eles mesmos, a viver aquilo que pedem a quantos os rodeiam”.⁹⁴ Talvez os projetos que hoje são traçados dentro da Igreja não sejam adequados para poderem responder aos problemas da juventude atual. Este pode ser um dos motivos pelo qual os jovens se têm afastado da Igreja, procurando outras seitas que respondam às suas inquietações. Um projeto que não prevê o futuro pode obrigar os jovens a recorrer a outros meios ou lugares. A preocupação dos jovens quando se refugiam nas igrejas e outros movimentos carismáticos é tentar superar a

⁹¹ Cf. João Paulo II, «Exortação apostólica familiaris consortio de sua Santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da família cristã no mundo de hoje» (Dicastero per la comunicazione, 1981), https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html.

⁹² Cf. Pinto, «Perspetivas pastorais e prioridades de ação na pastoral juvenil», 285–88.

⁹³ Cf. Pamela Karina dos Santos, «Juventude e Puebla: aspetos teológicos pastorais na evangelização da juventude» (Mestrado em Teologia, Pontifícia universidade Católica de São Paulo, 2019), 33–34.

⁹⁴ Cf. Benedictus XVI, «Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz: Educar os jovens para a justiça e a paz», 2.

crise do futuro de uma sociedade contemporânea, encontrando nesses lugares espaços acolhedores para a sua vida.⁹⁵ Quando a sociedade política não se dá conta, os jovens ficam facilmente desorientados e oprimidos.

Contudo, o desafio da Igreja e da política é ajudar os jovens na vida humana, intelectual, económica, profissional e espiritual, uma vida de amizade com Deus e de tomada de consciência do cuidado que devemos ter em contribuir para o bem comum da sociedade.

2.6. Os desafios dos agentes da pastoral juvenil

Quem é o agente de pastoral? O que se pode dizer sobre o agente de pastoral não se limita a uma só interpretação ou definição, mas dependerá da argumentação de cada autor. Porém, entende-se como agente de pastoral todo aquele que está num setor pastoral da Igreja e que procura tornar mais vivo o Evangelho de Deus, transmitindo o amor, a justiça e a paz. O agente, que tanto pode ser um consagrado como um leigo, assume a função própria de organizar, animar, orientar e coordenar o seu grupo.⁹⁶ Assim, numa comunidade, deve existir sempre uma pessoa que tenha esta responsabilidade.

Os evangelizadores são chamados à missão de Deus-Trindade e, como agentes, são convocados pela Igreja, em nome de Jesus Cristo, para viverem os valores do Reino. Todos os batizados são chamados a esta missão de evangelizar; quanto àqueles que têm a responsabilidade de coordenar a comunidade, isto é, os agentes de pastoral, têm a responsabilidade de participar ativamente na evangelização. Os agentes ordinários, os bispos e os párocos, são, por excelência, os primeiros a orientar a comunidade juvenil. Os agentes da pastoral juvenil devem adaptar a sua linguagem e procurar responder aos desafios do tempo presente.

Os animadores de grupos de jovens não devem adotar uma atitude diretiva, mas, sim, uma atitude que provoque, estimule, motive e chame a atenção os membros do seu grupo, de forma que eles possam ter uma atitude participativa. Na verdade, um verdadeiro animador de jovens não deve ser autoritário, ou seja, aquele que se afirma

⁹⁵ Cf. Santos, «Juventude e Puebla: aspetos teológicos pastorais na evangelização da juventude», 39.

⁹⁶ Cf. Adérito Gomes Barbosa, *A pastoral na Igreja, agentes e prioridades: reflexão para leigos, sacerdotes, consagrados comprometidos em Igreja e na sociedade* (Lisboa: Rei dos livros, 1995), 21.

como dono do grupo; não pode ser paternalista; aquele que, dentro do grupo, gosta sempre de ser honrado e aplaudido; não deve ser permissivo, não deve perder o controle do grupo e nem ajudar os membros do grupo a saber tomar as decisões.⁹⁷ O desafio do mundo moderno para as pessoas a quem foi confiada a coordenação dos jovens deve ser de abertura às relações sociais para que, deste modo, seja capaz de estimular os jovens com base no seu testemunho de vida. É importante que, na pastoral juvenil, os agentes sejam capazes de criar laços de amizade com os próprios jovens. Para uma boa orientação, os agentes de pastoral deverão ser formados humanamente, espiritualmente e intelectualmente, de modo a poderem escutar e responder aos problemas que cada jovem traz dentro de si e para dentro da comunidade.

Considera-se fundamental o testemunho de quem dirige um determinado grupo, não só de jovens, pois é a partir desse testemunho que se deve falar da fé aos jovens. Durante há muito tempo que a Igreja valoriza muito a questão do testemunho como o centro da evangelização, porque é através dele que a própria Igreja confia e envia cada agente de pastoral, afirmando a força e a beleza da fé.⁹⁸ Algumas competências são prioritárias para a formação destes agentes da pastoral juvenil, a saber: ter a capacidade de diálogo; adquirir alguns fundamentos teológicos; ser capaz de comunicar e de transmitir a fé recebida; participar nas formações que a Igreja proporciona; ser aberto à comunidade; ser criativo e dinâmico; e anunciar o Evangelho a partir da sua própria experiência da fé em Jesus Cristo. Algo que, ainda hoje, é pouco compreendido pela Igreja e pela sociedade. Muitos jovens descobrem-se como pessoas quando têm valor, liberdade e estão conscientes daquilo em que acreditam e realizam.

No geral, muitos jovens acreditam na sua experiência, ou seja, naquilo que vivenciam.⁹⁹ Os jovens vivem as suas ambições e gostos e ainda permanecem muitos fechados à Igreja; mas a Igreja existe para todos, como filhos amados de Deus, independentemente dos seus problemas. A Igreja não existe para si, mas para os outros.¹⁰⁰ Está sempre presente na vida dos jovens, assim como na vida de todos. Formar os agentes de pastoral juvenil não foi apenas uma necessidade da Igreja, mas de

⁹⁷ Cf. Barbosa, 98–99.

⁹⁸ Cf. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, *A pastoral de jovens na missão da Igreja* (Braga: Departamento Arquidiocesana de Pastoral de Jovens, 2004), 11.

⁹⁹ Cf. Jorge Boran, *Juventude, o grande desafio*, 5.^a (São Paulo: Paulinas, 1986), 85.

¹⁰⁰ Cf. Boran, 118.

toda a sociedade, que, sentindo a falta de acompanhamento espiritual, intelectual e humana, pensou que seria útil formar algumas pessoas que pudessem ajudar os jovens.

Os agentes de pastoral são pessoas normais, como tantas outras pessoas, mas não podem acompanhar os jovens sem terem conhecimentos de algumas áreas específicas, sobretudo aquelas que acima foram referidas. Ultimamente, tem-se verificado que muitas dioceses e paróquias escolhem pessoas com menos capacidade de trabalhar com os jovens. Muitas vezes, atribuímos a culpa à Igreja, sem sabermos que o erro é das pessoas que trabalham com esta comunidade juvenil. A Igreja pode proporcionar muitas formações para os agentes de pastoral, mas não se sente a sua participação nem o desejo de querer aprender novas formas de trabalhar com a juventude atual.

2.7. A pastoral juvenil no contexto atual

As mudanças culturais e sociais que ocorreram no século XX, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), afetaram diretamente a juventude. Desde logo, a Igreja percebeu que havia uma grande necessidade de responder a estes desafios. Por isso, a pastoral juvenil é, e sempre será, para promover o crescimento integral da juventude, do ponto de vista espiritual, social, cultural e afetivo. Ora, hoje, ainda fará sentido falar da pastoral juvenil? Que tipo de jovens estão na sociedade atual? Como é que estes falam e olham para a Igreja? O que quer fazer a Igreja com os jovens?

A sociedade atual é marcada por uma juventude que tem tudo facilitado, que recebe o que quer e que faz o que deseja. Mas esta juventude é muito atenta às situações que ocorrem no mundo; por isso, não podemos formar os jovens manipulando-os. Quando a formação não tem pistas consistentes, quando se baseia em falsidades e ilusões, os jovens preferem seguir os seus impulsos do que serem manipulados ou enganados. Esta realidade está bem patente no mundo atual, pois os jovens sentem que são manipulados em certas situações. Por vezes, diz-se que a juventude deve ser mais responsável e mais firme para enfrentar os problemas do tempo presente; contudo, a sociedade e a Igreja é que não deixam que os jovens sejam protagonistas da vida espiritual, social, cultural, política e económica.

Esta juventude contemporânea é, muitas vezes, considerada uma juventude de fracasso sem darmos conta de que é a própria sociedade a responsável pelos conflitos que ocorrem no mundo juvenil. Portanto, a pastoral juvenil e os responsáveis por ela não devem estar apenas focados no trabalho pastoral - na animação, organização e no dinamismo -, devem também apresentar-se como verdadeiros companheiros e amigos. Os desafios e os problemas dos jovens no contexto atual são prioridades para a pastoral juvenil. As mudanças que ocorrem são significativas e devem ser reconhecidas pela sociedade e pela Igreja. A pastoral juvenil permite que a Igreja seja o lugar onde os jovens façam a experiência de caminho com Cristo e com os outros. Por isso, os seus agentes devem estar também conscientes destas mudanças.

Contudo, hoje, falar da pastoral juvenil é pensar nas preocupações e desafios dos jovens do tempo presente. O Papa Francisco, na sua exortação apostólica *Christus Vivit*, fala da vida de Jesus como um verdadeiro exemplo para a juventude deste tempo:

Estes aspetos da vida de Jesus podem servir de inspiração a todo o jovem que cresce e se prepara para cumprir a sua missão. Isto implica amadurecer na relação com o Pai, na consciência de ser um dos membros da família e da aldeia, e na disponibilidade a ser cumulado do Espírito e guiado no cumprimento da missão que Deus lhe confia, a sua vocação. Nada disto deveria ser ignorado na pastoral juvenil, para não criar projetos que isolem os jovens da família e do mundo, ou que os transformem numa minoria seleta e preservada de todo o contágio. Precisamos, sim, de projetos que os fortaleçam, acompanhem e lancem para o encontro com os outros, o serviço generoso, a missão (*CV, n. 30*).

Se a Igreja não procurar alternativas para responder às necessidades dos jovens, terá certamente uma perda maior da sua comunidade juvenil. Assim, talvez tenha mais sentido a pergunta: o que leva com que os jovens se afastem da Igreja? Ou então: o que pedem os jovens, hoje, à Igreja? A primeira pergunta remete-nos para uma questão feita pelo Armando Matteo, no seu livro *“A primeira geração incrédula: a difícil relação entre os jovens e a fé”*. Questiona-se este autor: «porque é que na Igreja se veem sempre menos jovens e desaparecem, ano após ano, os grupos de jovens paroquiais?». A segunda questão, poderá ajudar a olhar para a Igreja de uma forma mais universal, porque aquilo que os jovens de hoje pedem à igreja é o que a sociedade espera ver dentro da Igreja: a autenticidade, a exemplaridade, a competência, a corresponsabilidade e a solidariedade cultural.

«Ao mesmo tempo, não há como falar de juventude sem falar de incertezas».¹⁰¹

E a pastoral juvenil precisa de ter outros métodos e fundamentos, os métodos de transformação, cujo objetivo era promover a juventude para certas atividades, o que, hoje, não corresponde à realidade da juventude. Um dos métodos que pode ser útil é o método da mediação. A Igreja é a mediação entre a juventude e Cristo; os jovens chegam a Cristo através da Igreja, mesmo com as incertezas da vida. Na pastoral juvenil,

Ao mesmo tempo, porém, devemos ter a coragem ser diferentes, mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres, da amizade social (*CV, n. 36*).

Nem todos os jovens falam do mesmo modo sobre a Igreja: alguns falam de uma Igreja de comunhão, que vai ao encontro de todos, isto é, de uma Igreja fraterna e inclusiva. Outros há que falam de uma Igreja sem escuta, uma Igreja que condena o mundo e exclui as pessoas. Estes jovens, além de serem ideologizados, também são individualistas, incapazes de manter a identidade durante muito tempo. A sociedade atual não se compara à sociedade da década de 60 e 70, em que o modelo era apenas a criatividade. Hoje, a nossa sociedade é marcada pelos modelos criativo e crítico. Deste modo, a Igreja deve apostar nos jovens e garantir que a mensagem do Evangelho seja transmitida e recebida de acordo com a realidade do tempo presente, uma realidade marcada pela inteligência, com possibilidade de ter tudo, mas que ainda continua incompleta. Para isso, é preciso desenvolver o sentido da linguagem e da presença, que permitem o diálogo e estabelecer boas relações com os jovens.

Os problemas que surgem nos dias de hoje estão sempre associados aos jovens e à Igreja. Um dos problemas que marca este período é o afastamento dos jovens à Igreja. Mas, os jovens não parecem que sejam o grande problema, antes pelo contrário, eles são uma oportunidade e/ou um desafio.¹⁰² Tudo aponta que em termos das questões juvenis não haja grandes problemas sociais e contradições, seja nas questões religiosas ou eclesiais. Os problemas dos jovens no que diz respeito à religião surgem a partir de algumas experiências que vão tendo no seio da sociedade e da Igreja.

¹⁰¹ Regina Novaes, «Juventude e religião, sinais do tempo experimentado», *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares* 20, n.º 2 (2019): 366, <https://doi.org/10.12957/irei.2018.39020>.

¹⁰² Cf. José Luis Moral, «Jóvenes y religión: algunas claves y propuestas pastorales», *Seminarios sobre los ministerios en la iglesia* 65, n.º 225 (2019): 23, <https://doi.org/10.52039/seminarios.v65i225.36>.

O testemunho da Igreja não é coerente, tornando-a um mero dramatismo ou uma mera teatralidade; por isso, os jovens sentem-se limitados na participação em atividades, e até mesmo em irem à Eucaristia. Saber anunciar requer uma exemplaridade da vida; por esse motivo, é preciso ter atenção àquilo que designamos por anúncio da fé e experiência da fé. Anunciar a fé aos jovens não é uma questão de fingimento ou de mero proselitismo,¹⁰³ mas, sim, um verdadeiro testemunho de vida, alimentado pela experiência da fé em Cristo; enquanto a experiência da fé é uma experiência da fé já amadurecida, e que deve ser partilhada com aqueles que têm o desejo de viver a mesma experiência.

Existe uma grande diferença do modo como os jovens e os adultos pensam e reagem. Os jovens não se sentem atraídos pela forma como os adultos acreditam, celebram e vivem a sua fé,¹⁰⁴ como diz Armando Matteo, na sua obra sobre *A primeira geração incrédula: a difícil relação entre os jovens e a fé*: «de qualquer modo, hoje torna-se claro o que significa a juventude: é o luxo de ter tempo para decidir que tipo de pessoa se pretende ser».¹⁰⁵ Os desafios do mundo atual apontam para o recomeçar e para o repensar, aceitando todas as mudanças que vão sucedendo. O recomeço aponta-nos para uma nova edificação da fé e para um novo modo da reintegração dos jovens na religião. A Igreja é lugar de vida e de busca de sentido de vida, isto é, um lugar teológico e, ao mesmo tempo, um lugar social. Portanto, a comunidade cristã não pode persistir apenas nos princípios da comunicação e da partilha com os jovens; é preciso explorar o contacto direto com os jovens, tendo em conta as suas esperanças e frustrações, os seus desejos e contradições, de modo que a pastoral juvenil não deva ser apenas pelo conteúdo e objeto da proposta cristã, mas sim pelo encontro existencial de destinatários.¹⁰⁶

Quando se pretende trabalhar na pastoral juvenil, como propôs o Papa João Paulo II aos jovens, o centro de toda a pastoral deve ser a pessoa de Jesus Cristo, pois, é a primeira pessoa em quem nos dirigimos e Ele é que transforma as regras doutrinárias numa vida de relação e encontro, este Jesus que os jovens esperam e anseiam, e não um

¹⁰³ Cf. Moral, 23.

¹⁰⁴ Cf. Moral, 38.

¹⁰⁵ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 12.

¹⁰⁶ Cf. Moral, «Jóvenes y religión», 60.

mero moralismo ou qualquer discurso sociocultural.¹⁰⁷ A pastoral, especialmente nos ambientes secularizados, até mesmo nos tempos atuais, deve orientar-se para facilitar o conhecimento dos jovens, o encontro e a relação com Jesus Cristo, de modo que eles descubram o significado da sua existência e possam fazer uma escolha de vida plena e feliz.¹⁰⁸

Pelo que foi aqui apresentado, considero pertinente a pastoral juvenil nos tempos hodiernos, porque ela é, e sempre, será uma área de ação da Igreja Católica que se dedica ao acompanhamento, à formação e à evangelização dos jovens. No contexto atual, a pastoral juvenil, para poder ser eficaz e significativa, deve adaptar-se ao contexto e à realidade dos jovens de hoje. Isto implica considerar também as mudanças sociais, culturais, tecnológicas e as novas formas de comunicação e interação.

Estas mudanças devem servir para o acolhimento e para a inclusão dos jovens, atendendo às suas diversidades; para o uso das novas tecnologias como ferramentas interativas; para a formação integral do desenvolvimento humano; para a ação e para o compromisso social. Deve incentivar os jovens a serem os protagonistas na ajuda à sociedade, a partir da caridade, do voluntariado e de projetos comunitários.

Deve igualmente ter consciência do cuidado ambiental; formar uma comunidade com uma participação significativa, ou seja, incentivar os jovens a promover a fraternidade e a serem responsáveis pela ajuda às comunidades; fomentar o diálogo e interculturalidade para que, deste modo, os jovens possam ser capazes de respeitar e de dialogar com outras denominações cristãs e religiosas. A pastoral juvenil não deve ser entendida a partir de uma única interpretação, porque este tema é complexo. Não se pode falar de uma pastoral juvenil sem ter em conta os problemas dos jovens e da Igreja. Por isso, a missão da Igreja é ajudar os jovens a descobrir a grandeza da vocação de cada um deles ao serviço da comunidade cristã e da sociedade. Tudo isto

Exige que na família, no grupo juvenil, na escola, na paróquia, seja promovida uma proposta sistemática e profunda de vida cristã, de relação pessoal com Jesus e de dedicação generosa e altruísta aos mais pobres.¹⁰⁹

Em suma, a chave para a pastoral juvenil é a evangelização da nova cultura juvenil, que é também a tarefa da Igreja para a pastoral, ou seja, uma “nova

¹⁰⁷ Cf. Pascual Chávez Villanueva, «Una pastoral para los jóvenes de hoy», *Isidorianum*, n.º 26 (2004): 472.

¹⁰⁸ Cf. Villanueva, 472.

¹⁰⁹ Villanueva, 474.

evangelização” que permita refazer o tecido cristão da sociedade humana e onde os jovens possam encontrar um sentido profundo para as suas vidas, enraizado na fé e na comunhão fraterna.¹¹⁰

¹¹⁰ Cf. Villanueva, 471.

3. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA UMA PASTORAL JUVENIL NA DIOCESE DE PEMBA

No segundo capítulo foi abordada a questão da pastoral juvenil no contexto geral e trabalhados alguns temas que refletem sobre a juventude no contexto atual. Ora, para uma pastoral juvenil fundamental na Diocese de Pemba, o tema que pretendo indagar surge como uma provocação e, ao mesmo tempo, como um desafio para se chegar aos problemas de cada jovem, independentemente do contexto cultural, social e religioso, mas, sobretudo, os jovens da Diocese de Pemba, que são o foco deste trabalho.

Por isso, um dos objetivos do segundo capítulo foi olhar para os problemas atuais que afetam o mundo juvenil, sobretudo dentro da Igreja e da sociedade. No meio destes e de outros problemas, que estratégias podem ser usadas para ajudar os jovens nas suas decisões de vida e possibilitar-lhes um futuro digno? Certamente, quando uma determinada diocese pretende investir na pastoral juvenil, muitas vezes surgem certas dificuldades. Para isso, é preciso propor um novo modo de evangelizar a juventude, sem forçar, isto é, deixar que cada um deles seja capaz de ouvir, sentir, pensar e aceitar aquilo que lhe é proposto pela Igreja e pela sociedade.

O outro aspeto desenvolvido no segundo capítulo é a questão da mudança. Efetivamente, nos tempos atuais, a mudança tem sido uma grande preocupação em todos os âmbitos. É precisamente este aspeto que surge como base da pastoral juvenil hoje. Neste sentido, uma pastoral juvenil fundamental na Diocese de Pemba não surge como uma simples resposta aos problemas atuais dos jovens, mas, sim, como um compromisso e o reconhecimento de toda a sociedade de que, para formar e motivar os jovens para uma vida digna, confiantes do futuro, tem de haver empenho e trabalho de toda a sociedade, e não apenas da Igreja.

A Igreja é o lugar de encontro com Cristo, lugar onde os jovens criam uma relação íntima com Deus e com a comunidade. Por isso, muitas vezes, os jovens pedem que a Igreja seja um lugar de transparência e o centro da vida comunitária, para que cada um deles possa ser livre nas suas decisões de vida. Portanto, em vez de nos lamentarmos pelo facto de não estarmos num ponto ideal, penso que este será o momento oportuno e necessário para se refletir sobre os fundamentos teológicos e sobre

a pastoral juvenil como o primeiro exercício, o qual nos permite conhecer suficientemente bem a situação inicial dos jovens. Podemos olhar para as suas vantagens e desvantagens e, a partir daí, fazer um exercício de contemplação dos jovens de hoje, partindo de alguns estudos no domínio das ciências sociais, em particular da sociologia, mas sempre no horizonte de que a pastoral juvenil na Diocese de Pemba pode ser um instrumento para estimular e capacitar os jovens para as suas vidas.¹¹¹

3.1. Objetivo da pastoral juvenil na Diocese de Pemba

A Diocese de Pemba é composta por dezasseis distritos e quatro regiões: **Região Norte:** distrito de Palma, distrito de Nangade, distrito de Mocímboa da Praia, distrito de Mueda, distrito de Muidumbe, distrito de Macomia, distrito de Meluco e distrito de Quissanga; **Região Sul:** distrito de Montepuez, distrito de Balama e distrito de Namuno; **Região Centro:** distrito de Ancuabe, distrito de Chiúre e distrito de Mazeze; **Região Urbana:** distrito e cidade de Pemba, distrito de Mecúfi e distrito de Pemba Metugi.

Ora, falar dos jovens de Ancuabe não é o mesmo que falar dos jovens de Mueda ou de Palma, assim como de outros distritos. É precisamente esta diversidade de culturas e de estilo de vida de cada grupo de jovens que nos permite considerar cada realidade ou sociedade como única, mas com o mesmo fim: ser uma juventude que anseia pela paz e pela liberdade. Neste sentido, o desafio para a pastoral juvenil na Diocese de Pemba será o de encontrar os meios possíveis para fazer um plano de uma pastoral juvenil a nível diocesano, procurando que os jovens da diocese estejam em sintonia. Depois, cada comunidade paroquial será responsável pela pastoral juvenil da paróquia, encontrando formas de integrar os jovens nas atividades paroquiais.

Nas comunidades africanas, a juventude é caracterizada por uma grande influência socioeconómica do próprio continente, fruto da herança colonial, marcada pelas transições pós-coloniais turbulentas, pelos efeitos de programas de Reajustamento Estrutural, pelos elevados índices de corrupção, pela fragilidade das infraestruturas e do sistema de educação, pelas elevadas taxas de desemprego e pela vulnerabilidade

¹¹¹ Cf. Gabino Uríbarri Bilbao, *Jesucristo para jóvenes: claves pastorales para un mundo líquido* (Espanña: Sal terrae, 2021), 27.

económica.¹¹² Quanto à pastoral juvenil, uma vez que a Igreja procura combater todo o tipo de violência e injustiça, este será o único meio de educar a juventude para lutar pela justiça e pelo bem comum da sociedade.

A proposta de uma pastoral juvenil para a Diocese de Pemba remete-nos para uma realidade que apresenta vários riscos e desafios para a vida de adolescentes e jovens, consequência do estilo de vida extremamente repreensível. As residências têm condições precárias; há uma grande taxa de abandono escolar; «o início precoce da atividade sexual, a gravidez prematura, o aborto inseguro e as suas implicações na saúde reprodutiva, incluindo a mortalidade materna».¹¹³ Estes são os riscos, e muitos outros problemas, que enfrentam os jovens na Diocese de Pemba, o que terá levado os bispos da Conferência Episcopal de Moçambique (CEM) a questionar-se: «Como podem ter os jovens perspectivas se o próprio país parece não ter rumo, um projeto comum, no qual são convidados a serem colaboradores ativos e que alimente a sua esperança?».¹¹⁴

Na verdade, a sociedade moçambicana é uma sociedade mais jovem, mas marcada por «sinais de morte, com uma elevada proliferação de drogas, o aumento de violência, desemprego, exploração e subemprego, guerra e insurgência, estímulo ao consumismo, carestia e, dentro em breve, fome e penúria».¹¹⁵ O ambiente vivido na Diocese de Pemba não permite aos jovens ter expectativas para o futuro. A própria educação escolar em Pemba é muito fraca; conseqüentemente, no meio de todos estes problemas, os jovens envolvem-se facilmente no terrorismo. A minha experiência diz-me que, quando terminam a sua formação escolar e se deparam com a falta de empregos, alguns jovens optam por participar em práticas de negócios ilegais e de alguns biscates. A falta de empregos é um grande problema para os jovens, mas existe também uma grande desvalorização do ensino escolar por parte dos jovens, facto que os obriga a procurar empregos ilegais.

¹¹² Cf. João Feijó, Jerry Maquenzi, e Aleia Rachide Agy, «Ingredientes para uma revolta juvenil: pobreza, sociedade de consumo e expectativas frustradas», *Observatório do meio rural* 121 (2022): 3.

¹¹³ Esmeralda Mariano, «A idade sexual e reprodutiva das adolescentes e jovens: dinâmicas e contraste entre os discursos e a prática», *Cepsa*, 2014, 21.

¹¹⁴ Alberto Vera Arejula, «Cabo Delgado é Moçambique: Na esteira da Declaração dos Bispos» (Comissão Episcopal de Justiça e Paz- Moçambique, 2021), 3, <https://oficinaglobal.org/2021/05/28/cabo-delgado-e-mocambique-na-esteira-da-declaracao-dos-bispos/>.

¹¹⁵ Aventina Cláudia Matusse et al., «V-Semana nacional de fé e compromisso social: juventude, educação e emprego» (Comissão Episcopal de Justiça e Paz, 2022), 20–21.

3.2. O perfil dos jovens

Proceder a uma descrição e análise do perfil dos jovens da Diocese de Pemba permite-nos fazer uma retrospectiva de tudo o que entendemos ou interpretamos no que concerne à juventude. Entende-se que esta é uma fase de muitas mudanças e, em cada época, deparamo-nos com novos desafios. Ora, antes, a juventude era, acima de tudo, uma construção social e cultural. Entretanto, a partir dos anos 60, assistimos a uma grande mudança, e foi precisamente nesse ano que nasceram os movimentos chamados movimentos de contracultura, em que os jovens lutavam pela liberdade. «Esses jovens - diferentemente de seus pais, que precisaram sujeitar-se ao trabalho, quer pela depressão económica, ou quer pela guerra- desejavam ficar jovens eternamente».¹¹⁶

No contexto atual, a juventude não tem a mesma designação, e várias políticas públicas foram postas em prática para que os rapazes estejam mais prevenidos e conscientes de que existe o mundo do crime, e as meninas não mergulhem no mundo da prostituição.¹¹⁷ Hoje, parece que o mundo juvenil ainda vive o movimento conhecido como Juventude Hitlerista, que valoriza as representações como a “beleza, força e futuro”; mesmo sendo adulto, o desejo de ser jovem torna-se ainda forte.¹¹⁸ É essencial perceber que, antigamente, a juventude, à semelhança da juventude do nosso tempo, sempre recebeu uma especial atenção por parte da sociedade adulta.¹¹⁹ Quanto à Diocese de Pemba,

A população de Cabo Delgado é bastante jovem, cerca de 44% da população tem menos de 15 anos e apenas 3,4%, tem uma idade igual ou superior a 64 anos. A idade mediana da província é de 18,3 anos, significando assim, que metade da população tem idade inferior a 18 anos. Em termos de força de trabalho, observa-se que o nível da participação económica nas áreas rurais é mais elevado do que nas urbanas. Nas áreas rurais, mais de três quartos da população está economicamente ativa (80,5%) e nas urbanas 55,5%. Segundo o Censo de 2007, 66,6% da população de 15 anos e mais da Província não sabe ler nem escrever, o que constitui uma redução de cerca de 8 pontos percentuais na taxa de analfabetismo, pois em 1997 esta era de 75%.¹²⁰

¹¹⁶ Orivaldo Leme Biagi, «Juventude e rebeldia nos anos 60 e 70 do século XX- A problemática do conceito de contracultura», *Momentum*, 2013, 99.

¹¹⁷ Cf. Biagi, 102.

¹¹⁸ Cf. Biagi, 102.

¹¹⁹ Cf. Biagi, 102.

¹²⁰ Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Metalomecánicas, *Estado de Moçambique: Província de Cabo Delgado* (Lisboa: ANEME, 2017), 37.

Esta descrição ajuda a compreender melhor quem são os jovens que vivem na Província de Cabo Delgado-Pemba. Importa ainda perceber que a maioria da população da Diocese de Pemba fala as línguas locais (*dialetos*): *Emakhuwa*, com 66,8%; *Shimakonde*, mais falada no planalto, na zona norte da diocese com 21,8%; *Kimwani*, mais de 22,2%; e *Swahili*, uma língua falada no país vizinho, na Tanzânia e que quase metade da população da Diocese de Pemba fala.

O problema não são os jovens, porque, na realidade, muitos destes jovens são dinâmicos e criativos. No entanto, como o país não cria meios para o desenvolvimento da juventude, a maioria é quase obrigado a envolver-se no comércio informal ou em pequenos biscates, em atividades ilegais, entre as quais o roubo, o tráfico ou crime.¹²¹ Verifica-se ainda, em alguns distritos da diocese, um elevado nível de utilização das línguas locais, isto é, muitos jovens são analfabetos em língua portuguesa, mesmo sendo esta a língua oficial do país. O problema da língua portuguesa constitui um grande défice por parte de muitos jovens, mas a razão deste problema prende-se com o abandono do ensino escolar, sobretudo nas zonas rurais. Muitos destes jovens não conhecem a língua portuguesa.

A educação escolar é fundamental para a vida de qualquer pessoa. Sabemos que, durante a infância, a família é a primeira escola de aprendizagem de valores. Em segundo lugar, surge a escola, responsável por nos instruir quanto modo de nós comportamos em sociedade e que nos ensina também como poderemos preparar o nosso futuro enquanto jovens. E este é um dos desafios enorme para a comunidade educativa escolar.¹²² Porém, a maioria dos jovens da Diocese de Pemba não considera a educação escolar como uma oportunidade para obter sucesso no futuro.

¹²¹ Cf. Feijó, Maquenzi, e Agy, «Ingredientes para uma revolta juvenil: pobreza, sociedade de consumo e expectativas frustradas», 3.

¹²² Cf. Adérito G. Barbosa, *Jovens com projeto de vida* (Lisboa: Paulinas, 2001), 195.

3.3. As faixas etárias

As faixas etárias determinam as fases que o indivíduo terá de atravessar na sua vida. Por isso, ao falar da juventude, devemos partir do ponto de vista das expectativas, das exigências, das necessidades e dos desafios que esta fase implica. Embora a fase de adolescência e da juventude sejam consideradas duas fases de passagem, a juventude já não é mais uma fase infantil, mas, sim, uma fase de maturidade. Com base em estudos de sociologia, os jovens são aqueles que se encontram na fase etária que medeia entre a infância e a vida adulta, nesta fase, a psicologia prefere chamá-los adolescentes.

A opção que aqui se faz situa-se numa perspetiva pedagógica e repartida, isto é, são pré-adolescentes entre (12-14 anos); são adolescentes entre (14-16 anos); e são jovens entre (16-26 anos, prolongamento possível até aos 29 anos).¹²³ De modo geral, as duas fases, a adolescência e a juventude, são fases de vida em que tudo são desafios e em que tudo acontece: os conflitos, a afetividade, o uso de drogas ilícitas, o consumo excessivo de álcool, a violência no namoro; porém, são também fases de transformações.

Em Moçambique, as etapas da adolescência e a juventude são consideradas etapas cheias de vida, mas uma vida cheia de riscos e desafios. Claro que estas são determinadas segundo o nascimento de indivíduos. Quando falamos destas duas fases no contexto da Diocese de Pemba, parece não existir qualquer diferença, ou seja, não há respeito nem valorização pelas fases, assim como podemos notar,

As Nações Unidas definem de juventude, a faixa etária entre os 15 e os 24 anos; a Commonwealth dos 15 aos 29 anos; a CPLP dos 15 aos 29 anos e a União Africana dos 15 aos 35 anos. Na República de Moçambique, define-se jovem como todo o indivíduo dos 15 aos 35 anos.¹²⁴

Em Moçambique, assim como na Diocese de Pemba, um indivíduo é considerado jovem quando está entre os 15 aos 35 anos. A adolescência e a juventude são fases em que a maternidade precoce é frequente, tanto nas áreas urbanas como nas

¹²³ Cf. Adérito G. Barbosa, *O valor da gratuidade na educação dos jovens* (Lisboa: Universidade Católica, 2007), 31.

¹²⁴ Feijó, Maquenzi, e Agy, «Ingredientes para uma revolta juvenil: pobreza, sociedade de consumo e expectativas frustradas», 2.

rurais, sendo que 28,1% das mulheres adolescentes (15 a 19) já têm, pelo menos, um ou dois filhos.¹²⁵

Na verdade, até aos 25 anos, muitos jovens já têm mais de quatro filhos para sustentar e não têm capacidades financeiras. A maioria destes filhos não são frutos de um casamento ou de um único homem, e os parceiros abandonam as suas parceiras, obrigando-as a sustentar os seus filhos sem a sua ajuda, situação que abrange todas as zonas de Pemba. A pastoral juvenil serve também para combater estes problemas; no fundo, os jovens não vivem a sua juventude de forma livre e digna. Não há adolescente, jovem ou adulto que, independentemente da idade, não se encontre mergulhado nestas problemáticas.

3.4. Os jovens na interação com a Igreja e a sociedade

O que espera a Igreja e a sociedade dos jovens? E que esperam os jovens da Igreja e da sociedade? Estas questões são fundamentais para pensar num novo paradigma para a pastoral na Diocese de Pemba, pois a Igreja e a sociedade são lugares onde estão inseridos os jovens. Para responder às duas questões, por um lado, é preciso saber que a Diocese de Pemba espera que os jovens promovam a paz e a reconciliação para o bem da diocese e do país; por outro lado, que os jovens sejam capazes de desenvolver um diálogo e contribuam para a resolução pacífica de conflitos, se envolvam ativamente em atividades comunitárias e eclesiais, através do voluntariado, da participação nos movimentos juvenis e nos grupos de orações; que estejam abertos ao transcendente, dando-se conta da necessidade de descobrir o sentido da sua existência e dos valores religiosos essenciais.¹²⁶

Os jovens devem ter uma educação e uma formação adequada, tanto académica como religiosa e profissional. A primeira implica uma capacidade de exercitar a terceira formação, e a formação religiosa é uma preparação autêntica para uma fé madura. Neste

¹²⁵ Cf. Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Metalomecânicas, *Estado de Moçambique: Província de Cabo Delgado*, 37.

¹²⁶ Cf. Adérito Gomes Barbosa e Manuel Oliveira de Sousa, + *Dez: Itinerário para a formação dos jovens destinado a animadores e agentes da pastoral* (Inst. Miss. Filhas de São Paulo: Paulinas, 2007), 15.

sentido, a Diocese de Pemba, como Igreja, quer que os jovens vivam conforme os valores cristãos, que vivam com honestidade, respeito, solidariedade e responsabilidade social.

A maior concentração da defesa do negócio de gás e do petróleo em detrimento da defesa de vida de milhares de moçambicanos leva a acreditar que a primazia do Estado é defender os lucros e bem-estar para um pequeno punhado de gente já abastada. Mas, sem vida numa região e sem recursos humanos locais é impossível pensar no desenvolvimento.¹²⁷

Quanto aos jovens, estes esperam que a Igreja e a sociedade sejam lugares de apoio espiritual e psicológico, lugares onde possam encontrar oportunidades de educação e de emprego, que seja um espaço aberto à expressão e à participação; esperam que estes lugares ofereçam programas de desenvolvimento e de capacitação para a sua segurança e a estabilidade.

Hoje, quem considera que a pastoral juvenil não é uma ferramenta importante para os jovens considera também que a Igreja serve apenas como um lugar de adultos, onde os jovens não têm mais espaço. E esta mentalidade não é só europeia, mas também se verifica nas Igrejas africanas. É importante perceber que a pastoral juvenil é a expressão concreta da expressão pastoral da comunidade eclesial, orientada para a condição juvenil; isto é, a pastoral juvenil é a ação da Igreja junto dos jovens, que permite descobrir e seguir Jesus Cristo, anunciando a Boa Nova dentro de comunidades concretas.¹²⁸

Os jovens de hoje, como grupo social, caracterizam-se por traços ambivalentes e até mesmo contrastantes. A realidade dos jovens nos tempos atuais é oscilante, vivem entre o conformismo e o idealismo, a falta de perspetivas e de busca da própria autorrealização, estão em confronto entre a indiferença e a capacidade de luta, entre a permissividade moral e a dedicação generosa, entre o desencantamento e a criatividade, o pragmatismo e a capacidade de realização.¹²⁹

Uma sociedade plural, tolerante, pragmática e laica como a nossa produz sempre um tipo de jovem; por vezes cético, indeciso, consumista, pessimista, que quer viver

¹²⁷ Cf. Arejula, «Cabo Delgado é Moçambique: Na esteira da Declaração dos Bispos», 3.

¹²⁸ Cf. Barbosa e Sousa, + *Dez: Itinerário para a formação dos jovens destinado a animadores e agentes da pastoral*, 24–25.

¹²⁹ Cf. Antón Martínez Riquelme, «La teología pastoral y el trabajo con jóvenes», *Centro de estudios teologico-pastorales*, 1992, 105.

apenas a sua liberdade sem se preocupar com as situações do mundo atual.¹³⁰ Ora, a realidade juvenil não é apenas objeto da nossa crítica; pelo contrário, é um lugar teológico da nossa fé que nos desafia a melhorá-la.¹³¹ Nem todos os jovens têm a mesma experiência da fé: há jovens que são indiferentes e apáticos ao mundo religioso, e há aqueles que se comprometem com a Igreja e partilham a sua experiência de fé com outros jovens. Ultimamente, os jovens da Diocese de Pemba estão cada vez mais confrontados com estes tipos de situações: há uma adesão em massa a igrejas protestantes e, conseqüentemente, ao abandono da Igreja Católica.

No geral, parece que Igreja ainda continua fechada ao mundo juvenil, que está cada vez mais a propor caminhos de fé aos jovens em vez de lhes abrir as portas para que possam ser eles a propor o caminho para o amadurecimento da sua fé dentro da Igreja. No âmbito da pastoral juvenil, é importante promover uma catequese sobre o sacramento do matrimônio e incentivar os jovens para os sacramentos da Igreja. A Diocese de Pemba precisa de pensar numa pastoral que seja direcionada aos jovens casados, pois será preciso despertar nos jovens o desejo de viverem o sacramento do matrimônio.

Hoje, dificilmente se fala sobre a pastoral dos jovens casais e, de certa forma, desvaloriza-se o sacramento do matrimônio na vida dos jovens. Porque o objetivo da pastoral juvenil não é só para falar dos jovens sem ter em conta os meios que a Igreja tem para oferecer a juventude, o sacramento do matrimônio é muito importante na vida dos jovens, porque permite estabelecer uma relação íntima com Deus e com a própria Igreja.

3.5. Uma proposta para a pastoral juvenil diocesana

Entende-se por Pastoral Juvenil Diocesana aquela que tem como abordagem da Igreja local à evangelização, educação e amadurecimento da fé dos jovens, possibilitando o trabalho pastoral com os jovens, para que os grupos e movimentos possam expressar e amadurecer na sua identidade eclesial. A pastoral juvenil diocesana

¹³⁰ Cf. Riquelme, 105.

¹³¹ Cf. Riquelme, 107.

abre um caminho para os pressupostos teológicos da comunhão, que se materializa de forma operacional como uma resposta real oferecida aos jovens em todas as suas circunstâncias.¹³²

A pastoral diocesana requer uma compreensão profunda da realidade local, isto é, dos desafios sociais, económicos, culturais e religiosos. Neste sentido, olhando para a Diocese de Pemba, a pastoral diocesana tem de se adaptar às necessidades específicas da diocese, assim como das paróquias, sempre com o objetivo de promover a evangelização, a formação espiritual, o desenvolvimento social e a unidade comunitária. A proposta para uma pastoral diocesana juvenil para a Diocese de Pemba será muito útil, uma vez que, como apresenta diversas culturas, esta seria uma das formas de criar um ambiente onde os jovens possam crescer na fé, desenvolver as suas habilidades e envolver-se ativamente na vida da Igreja e da comunidade paroquial.

Porque os jovens constituem uma grande diversidade, entre eles há alguns que não se identificam com nenhuma crença, outros que se identificam com uma crença e também aqueles que vivem fora da influência cristã e se dispõem, por qualquer razão, a iniciar um contacto com a Igreja.¹³³ Deste modo, a pastoral diocesana seria uma ferramenta para congregar os jovens da diocese que se encontram em diferentes lugares, de modo a poderem partilhar as suas experiências das comunidades paroquiais.

Certamente, cada diocese tem a pastoral diocesana juvenil, mas como proposta para a Diocese de Pemba, a pastoral diocesana juvenil poderá complementar alguns elementos fundamentais: a formação espiritual e catequética, onde se pode oferecer programas de catequese contínua que abordem temas relevantes para os jovens, ajudando-os a aprofundar o seu conhecimento e o amor pela fé cristã; promover retiros espirituais, jornadas de oração e momentos de reflexão para fortalecer a espiritualidade dos jovens; encontrar métodos de integração dos jovens nas comunidades cristãs, estabelecer grupos de jovens em cada paróquia que se reúnam regularmente para partilhar as suas experiências, discutir questões de fé e da vida.

¹³² Cf. Orive Grisaleña, «Juventud (pastoral de la)», 621–22.

¹³³ Cf. Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, «Bases para a pastoral juvenil» (Departamento nacional da pastoral juvenil, 2002), 3.

É importante apostar sempre na organização dos eventos diocesanos, nomeadamente congressos onde se possa debater a problemática da juventude; encontros e festivais juvenis que promovam a unidade e a comunhão entre os jovens de diferentes paróquias; formação humana e social; oferecer cursos e workshops sobre liderança, comunicação, resolução de conflitos e empreendedorismo que ajudem os jovens a desenvolver as suas habilidades e a preparar-se para a vida adulta. Para isso, será necessário incentivar os jovens a participar em projetos sociais e de voluntariados, promovendo o compromisso com o serviço à comunidade e à justiça social; acompanhar e orientar, porque, na vida de jovens, é importante estabelecer um sistema de acompanhamento pastoral onde os jovens possam receber orientações espiritual e pessoal de líderes treinados, incluindo padres, religiosos e leigos. É sempre importante a criação de espaços seguros onde os jovens possam sentir-se à vontade para expressar as suas dúvidas e preocupações e para receber apoio emocional e psicológico.

Atualmente, somos afetados pelas tecnologias, mas, sobretudo, pelas redes sociais - Facebook, WhatsApp, Instagram e Twitter - tão procuradas pelos jovens e um dos grandes desafios com os quais a Igreja e a sociedade de hoje se deparam, mesmo na área educacional.¹³⁴ O uso dos meios de comunicação e da Tecnologia, sobretudo a utilização das plataformas digitais acima referidas podem ser úteis, visto que podem ser utilizadas para a comunicação e a evangelização, criando conteúdos que sejam atraentes e relevantes para os jovens. Podem ainda desenvolver aplicativos e recursos *online* que facilitem o acesso a materiais catequéticos, orações e informações sobre eventos e atividades da pastoral juvenil – esta é uma das apostas da atualidade. Do mesmo modo, será crucial promover a cultura e a identidade local, para que os jovens valorizem e se integrem na cultura local, promovendo a identidade cultural, assim como incentivar os jovens a participar nos eventos organizados pela diocese, nos eventos culturais ou tradicionais da região.

¹³⁴ Cf. Bento Souza Borges e Liliane Rodrigues Vaz, «Jovem/Juventude nas pesquisas: desafios», *Cadernos da FUCAMP* 12, n.º 16 (2013): 10.

3.6. A pastoral juvenil no sentido teológico

Na pastoral juvenil, nunca pode falhar a abordagem do sentido teológico; por isso, é essencial que os pontos teológicos sejam também adaptados ao contexto cultural, social e espiritual da região, isto é, da Diocese de Pemba. Esta adaptação permite uma vivência cultural muito mais diversificada, sobretudo no que respeita a questões socioeconómicas e à influência de diferentes tradições religiosas, com vista a alcançar um único sentido teológico. Porém, os pontos teológicos, tais como a cristologia, a eclesiologia, a antropologia teológica, a teologia da criação, a moral cristã, a espiritualidade e a pastoral de acompanhamento, devem refletir uma abordagem pastoral que seja, simultaneamente, relevante e transformadora.

O centro da pastoral juvenil deve ser sempre a pessoa de Jesus Cristo, o modelo cristológico. É preciso enfatizar a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo, destacando a sua paixão, justiça e amor. Deve promover-se uma compreensão de Cristo como um amigo e guia próximo para os jovens. O grande problema é que estes preferem seguir Jesus e desligar-se da Igreja ou, pelo contrário, podem seguir a Igreja e não se interessarem por conhecer a vida de Cristo. Uma «fé madura, como pressupõem os pastoralistas, não pode deixar-se levar pela moda do “Jesus sim, Igreja não”». ¹³⁵ Esta visão é muito superficial e não alimenta verdadeiramente a fé dos jovens. ¹³⁶ A Igreja deve ser explicada aos jovens; deve ser-lhes dito que a figura principal é Jesus Cristo e, assim sendo, não se pode aceitar uma parte e rejeitar outra, pois ambas as partes dão sentido à eclesiologia, à comunidade de fé. Assim, todos os jovens são chamados a participar ativamente na vida comunitária da Igreja, promovendo um senso de pertença e de responsabilidade mútuas.

Ultimamente, vivemos num ambiente de grandes ruturas, sobretudo no que diz respeito à antropologia teológica, o respeito pela dignidade da pessoa humana e pela teologia da criação e o cuidado com a criação. O respeito pela dignidade da pessoa humana é o grande problema com o qual a Diocese de Pemba se tem confrontado desde 2017. Muitas pessoas - crianças, jovens e adultos - estão afetados pela insurgência. Um dos desafios que a Diocese de Pemba tem, hoje, para os jovens é o de procurar meios

¹³⁵ Bilbao, *Jesucristo para jóvenes: claves pastorales para un mundo líquido*, 97.

¹³⁶ Cf. Bilbao, 96.

para educar e valorizar a dignidade intrínseca de cada pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus. É necessário promover o cuidado com a criação como parte integral da fé cristã, para que cada jovem seja responsável pelo cuidado dos outros e do meio ambiente.

Numa diocese em que as duas religiões - cristã e islâmica - convivem e partilham as suas experiências, será importante promover o diálogo inter-religioso. Ajudar a juventude e fazer-lhes perceber que a inculturação é um dos temas para os ensinamentos e práticas pastorais da cultura local, valorizando e integrando as tradições e expressões culturais. Neste sentido, o diálogo inter-religioso constitui a chave que permite fomentar o diálogo e o respeito entre diferentes tradições religiosas presentes na região, promovendo a convivência pacífica entre as populações. Nestas circunstâncias, será sempre necessária a pastoral de acompanhamento, dado que «uma das características marcantes dos jovens da sociedade atual é “o aumento do individualismo e o declínio radical do sentido de coletividade, não só no seio da Igreja, mas em qualquer tipo de grupo ou associação”». ¹³⁷

Deste modo, a pastoral de acompanhamento pode oferecer aos jovens da Diocese de Pemba um novo estilo de vida, ajudando-os a enfrentar os desafios da vida e a crescer na fé. Para isso, é preciso uma formação contínua que capacite os jovens para o desenvolvimento espiritual, intelectual e humano.

Na vida destes jovens, o importante é procurar criar um ambiente acolhedor e formativo, onde cada um deles possa crescer na fé e tornar-se discípulo ativo de Jesus Cristo. Os jovens devem ter um compromisso com a Igreja que possa manifestar claramente as suas motivações mais profundas em Jesus Cristo, o amor que Ele tem para com cada jovem e a salvação que se realiza através da comunidade dos crentes. ¹³⁸

O objetivo dos fundamentos teológicos para a pastoral juvenil é, sobretudo, o de possibilitar a evangelização e a formação espiritual de jovens: permitir aos jovens desenvolver uma relação pessoal e profunda com Cristo, promovendo a prática dos sacramentos, sobretudo o sacramento do matrimónio, a oração e o estudo da Bíblia;

¹³⁷ Bilbao, 195.

¹³⁸ Cf. Villanueva, «Una pastoral para los jóvenes de hoy», 483.

facultar o acompanhamento e desenvolvimento integral; oferecer suporte emocional, moral e espiritual, ajudando os jovens a enfrentar os desafios da vida moderna.

Isto implica que os programas de formação humana e profissional que possam prepará-los para a vida adulta, ou seja: devem promover a comunhão e participação; incentivar os jovens a serem membros ativos da comunidade eclesial, promovendo o espírito de comunhão, participação e corresponsabilidade na vida da Igreja e na sociedade. Os jovens devem ainda ter uma experiência de missão e de serviço, envolver-se em atividades missionárias e de serviço à comunidade, vivendo a fé através de ações concretas de caridade, justiça social e solidariedade. Estes programas podem contribuir igualmente para o desenvolvimento da liderança: formar líderes jovens que possam assumir responsabilidades na Igreja e na sociedade, capacitando-os para serem agentes de transformação positiva nos seus contextos. Teremos de estar atentos às realidades locais e responder às necessidades específicas dos jovens da Diocese de Pemba, tendo em conta as suas particularidades culturais, sociais e económicas.

A catequese e a evangelização dos jovens são ferramentas úteis para a pastoral juvenil na Diocese de Pemba. Deste modo, é importante «preparar agentes com o conhecimento teórico-prático das ciências humanas e teológicas, tendo sempre em conta a realidade social, cultural e religiosa dos jovens; criar estruturas que podem garantir a formação da pastoral juvenil».¹³⁹ Porém, estes objetivos devem ser adaptados conforme as necessidades e a realidade da diocese, promovendo a dignidade, a esperança e o crescimento integral dos jovens. Como foi referido pelo Papa João Paulo II, ao propor uma pastoral com os jovens, colocou a centralidade na pessoa de Jesus Cristo, como a primeira pessoa a quem nos dirigimos; é Ele que transforma as regras doutrinárias numa vida de relação e de encontro, este Jesus pelo qual os jovens esperam e anseiam, e não um mero moralismo.¹⁴⁰

A pastoral, especialmente nos ambientes secularizados e até mesmo nos tempos atuais, deve orientar-se de modo a facilitar o conhecimento aos jovens, o encontro e a

¹³⁹ Cf. Adérito Gomes Barbosa e Manuel Oliveira de Sousa, + *Dez: Itinerário para a formação dos jovens destinado a animadores e agentes da pastoral* (Inst. Miss. Filhas de São Paulo: Paulinas, 2007), 28.

¹⁴⁰ Cf. Villanueva, «Una pastoral para los jóvenes de hoy», 472.

relação com Jesus Cristo, para que, desta forma, eles possam descobrir o significado da sua existência e fazer uma escolha de vida plena e feliz.¹⁴¹

3.7. Os desafios da pastoral juvenil na Diocese de Pemba hoje

Ultimamente, a Diocese de Pemba tem tido várias e multifacetadas situações que refletem um desequilíbrio da vida da população, sobretudo dos jovens.

No Centro e Norte de Moçambique, em geral, e em Cabo Delgado, em específico, assiste-se à implementação de um modelo de desenvolvimento predominantemente extrativo e de capital intensivo, pouco gerador de emprego e com reduzidas relações com o tecido económico local. Longamente esquecido pelo investimento público, a população do Norte de Moçambique regista elevadas taxas de analfabetismo, sobretudo por comparação com a capital. Num cenário de aumento de investimento internacional, o sistema de educação não se adaptou às exigências no terreno, deixando os jovens locais (a maioria da população) incapazes de competir com o mercado global.¹⁴²

Desde 2017, a Diocese de Pemba tem experienciado graves conflitos armados que obrigaram a deslocamentos massivos. Este conflito afetou diretamente a comunidade juvenil, uma vez que os jovens têm sido, sucessivamente, recrutados pelas forças insurgentes; levou à perda de familiares e de lares e instaurou o medo e a incerteza. Os jovens sentiram-se obrigados a deslocar-se, deixando as suas terras de origem para se dirigirem nos campos de deslocados ou para outros locais. Neste contexto, muitos jovens acabaram por perder a sua própria identidade e o acesso limitado a recursos básicos e à educação.

A perda de infraestruturas e o aumento da insegurança tiveram um impacto negativo na comunidade e diminuíram a qualidade da educação dos jovens. Hoje, muitos destes jovens estão expostos a traumas significativos devido à violência e à injustiça que existe no país. Portanto, o grande desafio para pastoral juvenil na Diocese de Pemba consiste em saber como se pode dar apoio psicológico e social. Apesar de esta ser uma das grandes preocupações da diocese, parece ser insuficiente, porque estamos a falar da violência que afetou o bem-estar e a saúde mental da juventude. Deste modo, é

¹⁴¹ Cf. Villanueva, 472.

¹⁴² Feijó, Maquenzi, e Agy, «Ingredientes para uma revolta juvenil: pobreza, sociedade de consumo e expectativas frustradas», 25.

importante apostar na formação dos líderes da pastoral juvenil, torná-los capazes de estar, de ouvir e ajudar cada jovem a encontrar caminhos para o futuro.

A falta de acompanhamento aos jovens pode levar à diminuição e a uma menor participação destes na Igreja, e até mesmo na sociedade. Como proposta, no contexto atual, a pastoral juvenil da Diocese de Pemba pode basear-se em alguns temas que considero úteis: a compreensão do contexto local; a formação e a capacitação dos jovens; definição de programas espirituais e educacionais (retiros, conferências para os jovens, catequese, eventos culturais); empoderamento económico; utilização mais responsável de tecnologias e meios de Comunicação social; promoção da cultura e identidade para a integração na vida comunitária. Estes e outros temas podem contribuir, sobretudo, para a formação contínua dos jovens e da população na Diocese de Pemba. Numa declaração que fizeram, os bispos Católicos de Moçambique enfatizaram que:

É fácil aliciar pessoas, cheias de vida e de sonhos, mas sem perspetivas e que se sentem injustiçadas e vítimas de uma cultura de corrupção, a aderirem a propostas de uma nova ordem social imposta com a violência ou a seguir ilusões de fácil enriquecimento que conduzem à ruína.¹⁴³

Sabemos que são muitos os desafios que a Diocese de Pemba terá de enfrentar, mas que podem ser conseguidos mediante uma colaboração entre a Igreja, a sociedade e a comunidade internacional. Os programas de apoio psicossocial, de educação, de capacitação profissional, de promoção de paz e de reconciliação são essenciais para fortalecer a resiliência dos jovens da Diocese de Pemba.

Contudo, não se pode falar da pastoral juvenil sem se partir da realidade concreta de cada jovem, embora tenhamos consciência de que a Diocese de Pemba apresenta uma diversidade das culturas. Os jovens desta diocese estão cada vez mais mergulhados numa realidade desafiadora; no entanto, a pastoral juvenil pode ser uma das ferramentas para combater os conflitos que tornam instável o futuro da juventude. Assim, como afirmaram os bispos num comunicado da Conferência Episcopal de Moçambique (CEM), «é de capital importância tomar a consciência de que, com efeito,

¹⁴³ Arejula, «Cabo Delgado é Moçambique: Na esteira da Declaração dos Bispos», 3.

os jovens constituem a grande parte de fiéis da nossa Igreja e da população moçambicana». ¹⁴⁴

3.8. O futuro dos jovens e a missão da Igreja particular de Pemba

Hoje, os jovens encontram dificuldades de integração socioeconómica. Eles “sentem que a sociedade e quem toma as decisões ignoram o seu sofrimento e não escutam a sua voz”. E é notória essa dificuldade se olharmos para o sector da educação e saúde, no acesso à terra, à habitação, à energia e ao transporte e sobretudo no acesso ao emprego e aos rendimentos. ¹⁴⁵

Será que, hoje, ainda faz sentido prever um futuro melhor para os jovens que vivem em ambientes de inúmeras dificuldades? A nossa vida é uma batalha, e cada passo é um caminho percorrido. Por isso mesmo, diz-nos Armando Matteo:

Como qualquer caminho, busca, tempo da vida, não está isento de inquietações, riscos, momentos de angústia, mas ao contrário do que acontecerá nas etapas futuras a condição da juventude dispõe de uma carga de energia e de uma presença e vivacidade de espírito que nunca mais voltará. ¹⁴⁶

É preciso valorizar o tempo da juventude: viver, apreciar, entender, respeitar, arriscar e sonhar. Se cada uma das etapas da nossa vida só se vive uma única vez, a fase da juventude é irrepitível, e este é o único momento para prever tudo aquilo que cada jovem deseja ser. No entanto, uma vez conscientes das situações pelas quais passam os jovens da Diocese de Pemba, poderemos concluir que são jovens sem qualquer expectativa do futuro. Assim, a Igreja de Pemba tem obrigação de garantir uma vida mais estável dos jovens, de formar a juventude para o bem-estar da sociedade e da Igreja.

Tudo isto tem a ver com a questão da educação dos jovens. Comprova-se que existe um fracasso no que diz respeito à educação, seja ela escolar ou religiosa. Não podemos falar sobre o futuro da juventude sem pensarmos na sua educação. Pela experiência que tive durante muitos anos de escolaridade, pude notar que existem vários problemas relacionados com a educação escolar. Muitas das vezes, alguns professores negligenciam os serviços de educação, como se pode observar em entrevistas feitas aos

¹⁴⁴ Secretariado geral da CEM, «Comunicado da Conferência Episcopal de Moçambique às Comunidades Cristãs e às pessoas de boa vontade» (Pro Manuscriptum, 2021), 2.

¹⁴⁵ Matusse et al., «V-Semana nacional de fé e compromisso social: juventude, educação e emprego», 20.

¹⁴⁶ Matteo, *Qual o teu caminho? Em conversa com os jovens*, 11.

jovens estudantes, realizadas no ano 2020, pelos investigadores João Feijó, Jerry Maquenzi e Aleia Rachide Agy.

essa coisa de se pagar [ao professor] está a aumentar; o que faz piorar é que os professores vão à escola com fome. Quando chegam na escola, apenas sentam e os alunos não estudam, e, como os professores vão com fome, dizem aos alunos “para passar de classe tens que tirar tanto” e o aluno entrega. Quando és uma mulher, ele diz “se tu quiseres passar, namora comigo”. Se gostar de ti, ele pede-te em namoro; se não gostar, pede-te dinheiro, dizendo “peço dinheiro para poderes passar”. Aos homens, ele só pede dinheiro.¹⁴⁷

A Igreja de Pemba não pode ser indiferente a estas situações; por isso é que a pastoral juvenil não deve ser feita apenas dentro de espaços estritamente eclesiais; é também preciso ir ao encontro dos jovens nos lugares que eles frequentam, nas escolas, sobretudo no ensino superior, fase em que os jovens tomam algumas decisões. Muitas vezes, é nestes lugares que são, frequentemente, praticados atos de corrupção e de violência. Se a escola serve apenas para o sustento de alguns, e não aprendizagem de outros, então a situação dos jovens da Diocese de Pemba é preocupante para a Igreja, e mesmo para o governo de Moçambique. Não há progresso na educação escolar, o que torna mais difícil o futuro da juventude.

A pastoral juvenil para a Diocese de Pemba torna-se essencial para a própria Igreja, uma vez que, sabendo que os jovens estão expostos e afetados por muitos males, a Igreja deve se preocupar de forma urgente e desejosa em ver os jovens mais livres de tantas situações que limitam a integridade e participação na sociedade.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Feijó, Maquenzi, e Agy, «Ingredientes para uma revolta juvenil: pobreza, sociedade de consumo e expectativas frustradas», 8.

¹⁴⁸ Cf. Conferência Episcopal de Moçambique, «Presença evangelizadora da Igreja em Moçambique hoje: Ide e ensinai (Mt 28,19): III assembleia nacional de pastoral» (Pro Manuscriptum, 2005), 18.

CONCLUSÃO

Atualmente, quando falamos dos jovens parece que estamos a assistir a uma novela que todos tiveram a oportunidade de ver. Hoje, eles são protagonistas dos debates da Igreja e da sociedade política. A juventude contemporânea possui uma marca de vida própria, que nunca se pode confundir, como diz Armando Matteo: «As novas gerações nasceram de pais amplamente envolvidos pelo espírito da cultura pós-moderna e, por consequência, tornaram-se “estranhos” ao Cristianismo».¹⁴⁹ De facto, a situação dos jovens continua a ser uma preocupação, talvez até a mais urgente para a Igreja e para o mundo.

Quanto aos jovens, parece que, para eles, a vida se baseia em possuir coisas, em ter divertimentos, em viver sem sofrimento, sem ter de esperar ou perder. Muitas vezes não têm a noção dos reais problemas das suas vidas, pensando unicamente no facilitismo. Estamos destinados a viver a nossa liberdade, mas não podemos confundir a verdadeira liberdade com o que deve ser e como podemos usufruir dela. A primeira tem a ver com a responsabilidade, e a segunda baseia-se na irresponsabilidade. Se a nossa atenção consistir apenas em criar condições para o futuro dos jovens, e não em os educar para prepararem o futuro, então, para além de ajudar os jovens, estaremos a permitir que eles usufruam da liberdade.

A motivação que se deve ter na pastoral juvenil não deve conseguir ter um grupo numeroso de jovens, mas, sim, formar os jovens na responsabilidade e na procura do bem-estar de todos. A reflexão que transparece neste trabalho de investigação, *para uma pastoral juvenil fundamental na Diocese de Pemba*, parte de uma urgência e da necessidade de formação dos jovens desta diocese. Porque «a pastoral com os jovens ganha atualidade e urgência quando o progresso oscila, o desenvolvimento técnico e científico e os caudais acrescidos de informação e comunicação proporcionam e exigem uma participação mais ativa e consciente de todos».¹⁵⁰ Como qualquer outra pastoral da Igreja, a responsabilidade não recai apenas da Igreja, mas sim de todos; de igual modo na pastoral juvenil, a responsabilidade é de toda a sociedade, como diz o provérbio africano: “a educação de um filho é a responsabilidade de toda a sociedade”.

¹⁴⁹ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 10.

¹⁵⁰ Barbosa e Sousa, + *Dez: Itinerário para a formação dos jovens destinado a animadores e agentes da pastoral*, 24.

Se pensarmos a pastoral juvenil como uma tarefa da Igreja, corremos o risco de fechar as portas da sociedade aos jovens; por isso, não podemos falar da sua educação sem existir uma interligação das duas partes, da Igreja e da sociedade civil. Esta abordagem sobre os jovens da Diocese de Pemba não pretende desvalorizar o trabalho que a Igreja particular de Pemba tem feito para ajudar a juventude; antes pelo contrário, é uma abordagem que permite dar atenção aos problemas atuais dos jovens. Nestes últimos tempos, a Diocese de Pemba tem tido muitos problemas, muitos deles relacionados com a insurgência, desde 2017, de um grupo chamado jihadista, que a população designava por *Al-Shabab*, de um grupo de jovens radicais.

É certo que o principal problema da instabilidade na educação escolar de tantos jovens prende-se com insurgência na diocese que, de certa forma, conduz a uma falta de motivação e de condições necessárias para os jovens poderem prosseguir os seus estudos. Por isso, a maior preocupação neste trabalho é procurar saber qual o papel da Igreja particular de Pemba e da sociedade política para os desafios destes jovens.

O objetivo da Igreja particular de Pemba é garantir que os jovens se tornem capazes e que sejam responsáveis pelo bem-comum. Por isso, a importância dos encontros de catequese, de jornadas diocesanas, de formações sobre a Bíblia e sobre a espiritualidade humana e intelectual. É importante perceber que, no contexto atual, não se pode pensar na pastoral juvenil como no ano de 1985, data em que foi proclamado “Ano Internacional de Juventude”. Um ano em que as atenções tiveram grande impacto, no sentido de que este foi «um ano dinâmico, voltado para o futuro, interpelando a sociedade, convidando todos, jovens e adultos, a conseguir o esforço da mudança».¹⁵¹

A pastoral juvenil deve adaptar-se às mudanças, como diz o Papa Francisco, «A pastoral juvenil, tal como estávamos habituados a realizá-la, foi abalroada pelas mudanças sociais e culturais. Nas estruturas habituais, muitas vezes os jovens não encontram resposta para as suas inquietudes, necessidades, problemas e feridas» (*CV*, n.202). Para os jovens que são o centro deste trabalho, isto é, para os jovens da Diocese de Pemba, permanece esta urgência de que a Igreja e a sociedade política encontrem formas de ajudar a juventude a resolver os seus problemas. É fundamental ter como o ponto de referência a juventude, pois os jovens da Diocese de Pemba caracterizam-se

¹⁵¹ Pinto, «Perspetivas pastorais e prioridades de ação na pastoral juvenil», 280–81.

pela criatividade, ou seja, possuem muitas habilidades que, no entanto, não são aproveitadas.

Certamente, como afirmam os bispos da Conferência Episcopal de Moçambique numa nota pastoral, «sem garantir aos jovens a realização dos seus sonhos, a própria nação verá comprometido o seu sonho de ser protagonista do seu futuro».¹⁵²

Na verdade, pode parecer um tema de menor importância, mas falar da juventude no contexto africano (sem nos restringirmos à Diocese de Pemba), implica pensar nas influências culturais e tradicionais; por outro lado, é preciso ter em conta todo o contexto em que vivem estes jovens e o seu estilo de vida que levam. Neste sentido, toda a pastoral juvenil para o contexto da Diocese de Pemba exige uma adaptação que, porém, não pode entrar em confronto com as tradições culturais.

Por fim, considerando esta uma das jornadas, entre outras que possivelmente poderão surgir no âmbito do interesse pelos jovens, permanece para nós esta inquietação: num mundo de tantas mudanças, culturais, tecnológicas, e até mesmo religiosas, ainda podemos falar da pastoral juvenil como uma possibilidade para um futuro promissor para a Igreja e para a sociedade política?

Neste sentido, toda a pastoral juvenil deve culminar numa aposta pela formação dos jovens, partindo das seguintes ferramentas: educação digital e alfabetização tecnológica; educação para a cidadania; educar para adquirir as habilidades socio-emocionais; educação financeira; orientação vocacional e profissional; educar para a saúde mental e para o bem-estar e capacitar para o uso das ferramentas de comunicação e colaboração social. Se nos mantivermos atentos aos problemas dos jovens que, de certo modo, delimitam o futuro de muitos jovens da Diocese de Pemba, sem dúvida que estas ferramentas servirão, simultaneamente, para capacitar a juventude e para abrir as portas que ainda continuam fechadas. Pretende-se criar neles expectativas, sobretudo num ambiente em que a liberdade de expressão permanece como um sonho não alcançado por muitos jovens.

Em suma, o tema que nos propusemos investigar - *“para uma pastoral juvenil fundamental na Diocese de Pemba”* - surge como ponto de partida para outras pesquisas, no âmbito da juventude da Igreja de Pemba. A Igreja de Pemba é marcada

¹⁵² Conferência Episcopal de Moçambique, «“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” Jo 10,10. Às comunidades cristãs e a todos os homens e mulheres de boa vontade», 2.

pela comunidade juvenil, isto é, uma Igreja jovem, mas ainda com falta de envolvimento por parte dos jovens, seja na Igreja ou na política. Neste sentido, se falamos de uma diocese culturalmente diversificada, a própria comunidade juvenil apresenta um estilo de vida diferente para cada contexto. Na pastoral juvenil, é preciso promover encontros diocesanos para congregar a juventude ao nível diocesano.

Deste modo, cada uma das paróquias da diocese deve promover encontros paroquiais para ajudar os jovens a conhecerem Cristo, para debater alguns dos temas da Igreja, como, por exemplo, a relação pessoal com Cristo, através da participação nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia e na Reconciliação; a Vocação e discernimento; o sentido da comunidade e da Igreja, como lugar onde se vive e aprofunda a fé em conjunto, por isso mesmo, uma Igreja sinodal; a moral e ética cristã, abordando alguns princípios morais e éticos cristãos como o sentido da dignidade da vida humana, a sexualidade, a justiça social e a solidariedade; a ação social e a caridade, de forma que os jovens lutem por um mundo mais justo; a espiritualidade, de modo a fomentar a importância da adoração do Santíssimo Sacramento e outras formas de orações que podem ajudar à meditação; o testemunho, incentivar os jovens a serem testemunhas de Cristo aos outros jovens, para que, assim, a evangelização seja para todos, e não somente para determinadas pessoas; e a responsabilidade pelo uso dos *Média*, sobretudo as redes sociais digitais.

Normalmente, quando o centro da pesquisa são os jovens, os temas que a Igreja aborda com mais frequência são a catequese, os retiros e os encontros de jovens. Isto porque a juventude contemporânea se encontra num círculo onde tudo é possível, como diz Armando Matteo: «muitos dizem que a felicidade se encontra para lá da religião cristã. E isso vê-se pelo seu modo de viver e pelas decisões que tomam».¹⁵³ A Igreja não pode limitar-se a debater temas que já foram debatidos, sobretudo a Igreja de Pemba, pois, de certa forma, a juventude encontra-se marcada por situações drásticas, tais como a guerra, o analfabetismo, a violência, o desemprego, entre outros problemas.

¹⁵³ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 8.

BIBLIOGRAFIA

1. Magistério

- Benedictus XVI. «Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz: Educar os jovens para a justiça e a paz». Libreria editrice Vaticana, 2011. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20111208_xlv-world-day-peace.pdf.
- Franciscus. «Exortação apostólica pós- sinodal Christus Vivit: aos jovens e a todo o povo de Deus». Libreria editrice Vaticana, 2019. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.pdf.
- . «Exortação apostólica Catechesi Tradendae de sua Santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja sobre a catequese do nosso tempo». Dicastero per la comunicazione, 1979. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html.
- . «Exortação apostólica familiaris consortio de sua Santidade João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da família cristã no mundo de hoje». Dicastero per la comunicazione, 1981. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html.
- Paulus VI. «Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi do Santo padre Paulo VI ao episcopado, ao clero aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo». Libreria editrice Vaticana, 1975. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.

2. Monografias

- Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Metalomecánicas. *Estado de Moçambique: Província de Cabo Delgado*. Lisboa: ANEME, 2017.
- Barbosa, Adérito G. *Jovens com projeto de vida*. Lisboa: Paulinas, 2001.
- . *O valor da gratuidade na educação dos jovens*. Lisboa: Universidade Católica, 2007.
- Barbosa, Adérito Gomes. *A pastoral na Igreja, agentes e prioridades: reflexão para leigos, sacerdotes, consagrados comprometidos em Igreja e na sociedade*. Lisboa: Rei dos livros, 1995.
- . *Jovens do futuro: proposta para uma pastoral de jovens*. Editado por Agostinho França. 1ª. Apelação: Paulus, 1999.
- Barbosa, Adérito Gomes, e Manuel Oliveira de Sousa. + *Dez: Itinerário para a formação dos jovens destinado a animadores e agentes da pastoral*. Inst. Miss. Filhas de São Paulo: Paulinas, 2007.
- Boran, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. 5ª. São Paulo: Paulinas, 1986.
- Coelho, José Luís do Souto. *Os jovens a conquista da identidade*. Prior Velho: Paulinas, 2023.
- Filpo, Maria Magdalena. *Testemunhas de uma memória viva: história da evangelização da Província de Cabo Delgado*. Braga: Diário do Minho, 2022.
- Matteo, Armando. *A primeira geração incrédula: a difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- . *Qual o teu caminho? Em conversa com os jovens*. Prior Velho: Paulinas, 2014.
- Ortiga, Jorge Ferreira da Costa. *A pastoral de jovens na missão da Igreja*. Braga: Departamento Arquidiocesana de Pastoral de Jovens, 2004.
- Secretariados diocesanos da educação cristã da juventude Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu, ed. *O papa fala aos jovens: discursos e homilias do papa João Paulo II aos jovens dos países que visitou até 1982*. Aveiro, 1983.
- Bilbao, Gabino Uríbarri. *Jesucristo para jóvenes: claves pastorales para un mundo líquido*. España: Sal terrae, 2021.
- Prado, Antonio Ramos do, ed. *Cultura juvenil: perspectivas e desafios para novos tempos*. Pia Sociedade de São Paulo. São Paulo: Paulus, 2015.

Orive Grisaleña, Miguel. «Juventud (pastoral de la)». Em *Dccionario de Pastoral y Evangelización*, editado por Vicente M^a Pedrosa, Jesús Sastre, e Raúl Berzosa, 614–24. Burgos: Monte Carmelo, 2000.

3. Dissertações

Chantre, João Pedro de Verona Duarte. «Cooperação Missionária para o Desenvolvimento: estudo de caso do projeto Salama! Cooperação Missionária Braga-Pemba». Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019.

Lopes, Paulo Jorge Monteiro. «O Papa João Paulo II e as Jornadas Mundiais da Juventude: critérios para um diálogo com as culturas juvenis, a partir das suas mensagens». Mestrado Integrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa, 2018. <http://hdl.handle.net/10400.14/26742>.

Perezo, Valeriano Atiracho. «Aos 60 anos de evangelização na diocese de Pemba (1957- 2017): Realidade, Prospetiva e Perspetivas». Doutoramento, Universidade Católica do Paraná, 2018. [https://www.even3.com.br/anais/humanitaspucprteo/122481-aos-60-anos-de-evangelizacao-na-diocese-de-pemba-\(1957--2017\)---relaidade-prospetiva-e-perspetivas/](https://www.even3.com.br/anais/humanitaspucprteo/122481-aos-60-anos-de-evangelizacao-na-diocese-de-pemba-(1957--2017)---relaidade-prospetiva-e-perspetivas/).

Santos, Pamela Karina dos. «Juventude e Puebla: aspetos teológicos pastorais na evangelização da juventude». Mestrado em Teologia, Pontíficia universidade Católica de São Paulo, 2019.

4. Entrevista

Lisboa, Luiz Fernando. Uma Igreja em constante mudança, para ser a mesma Igreja. Entrevistado por Arquidiocese de Braga, 2023. <https://www.diocese-braga.pt/noticia/1/38423>.

5. Documentos pastorais

- Arquidiocese de Nampula. *Directorio de Pastoral*. Nampula: Arquidiocese de Nampula, 2004.
- Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa. «Bases para a pastoral juvenil». Departamento nacional da pastoral juvenil, 2002.
- Conferência Episcopal de Moçambique. «“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” Jo 10,10. Às comunidades cristãs e a todos os homens e mulheres de boa vontade.» Pro Manuscriptum, 2022.
- . «Presença evangelizadora da Igreja em Moçambique hoje: Ide e ensinai (Mt 28,19): III assembleia nacional de pastoral». Pro Manuscriptum, 2005.
- Conselho pastoral diocesano, Diocese do Porto. «A pastoral juvenil hoje: novos sinais dos tempos... novos desafios... novas propostas...» Pemba: Pro Manuscriptum, 2002.
- Secretariado geral da CEM. «Comunicado da Conferência Episcopal de Moçambique às Comunidades Cristãs e às pessoas de boa vontade». Pro Manuscriptum, 2021.

6. Publicações periódicas

- Abreu, Paulo. «A pastoral e os jovens de hoje», *Theologica*, 2.^a Série, 36.1 (2001), 2001, 37–57. <https://doi.org/10.34632/theologica.2001.36.1>.
- Alberto, Rui. «A pastoral juvenil no contexto da nova evangelização», *Theologica*, 2.^a Série, 47, 1 (2012): 71–95. <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.47.1>.
- Arejula, Alberto Vera. «Cabo Delgado é Moçambique: Na esteira da Declaração dos Bispos». Comissão Episcopal de Justiça e Paz- Moçambique, 2021. <https://oficinaglobal.org/2021/05/28/cabo-delgado-e-mocambique-na-esteira-da-declaracao-dos-bispos/>.
- Diocese do Porto. «Porto: Escutar Deus na voz dos jovens é uma ocasião para ouvir propostas, questionamentos e críticas à Igreja», 2024. <https://agencia.ecclesia.pt/porta/porto-escutar-deus-na-voz-dos-jovens-e-uma-ocasio-para-ouvir-propostas-questionamentos-e-criticas-a-igreja/>.
- Bento Souza Borges, e Liliane Rodrigues Vaz. «Jovem/Juventude nas pesquisas: desafios». *Cadernos da FUCAMP* 12, n.º 16 (2013): 93–103.

- Biagi, Orivaldo Leme. «Juventude e rebeldia nos anos 60 e 70 do século XX- A problemática do conceito de contracultura». *Momentum*, 2013, 93–112.
- Feijó, João, e Jerry Maquenzi. «O processo de insurgência armada em Cabo Delgado». *Observatório do meio rural* 64 (2019): 1–9.
- Feijó, João, Jerry Maquenzi, e Aleia Rachide Agy. «Ingredientes para uma revolta juvenil: pobreza, sociedade de consumo e expectativas frustradas». *Observatório do meio rural* 121 (2022): 1–37.
- Freepik Company. «Mapa político de África con nombres de países». 2010. https://www.freepik.es/vector-premium/mapa-politico-africa-nombres-paises_76963533.htm.
- Gallego, Miriam. «La dimensión educativa de la Pastoral Juvenil, The educational dimension of pastoral youth service». *Universidad politécnica salesiana* 8 (2013): 10–22.
- Inage. «Governo da Província de Cabo Delgado: divisão administrativa». 2017. <https://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Propvincia/Divisao-Administrativa>.
- . «Portal do Governo de Moçambique: geografia e população». 2015. <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Populacao>.
- Isotton, Diego, e Luis Duarte Vieira. «Christus vivit: novidades na evangelização da juventude». *Annales Faje* 6 (2021): 421–28. <https://doi.org/dx.doi.org/10.52451/teopraxis.v39i132.75>.
- Lago, Benigno Álvarez. «Los jóvenes: acciones y medios para llevar a los jóvenes a la fé». *Sal terrae*, 2018, 829–42.
- Malandrino, Brígida Carla. «Os mortos estão vivos: a influência dos defuntos na vida familiar segundo a tradição bantú». *Último andar* 19, n.º 2 (2010): 40–51.
- Mariano, Esmeralda. «A idade sexual e reprodutiva das adolescentes e jovens: dinâmicas e contraste entre os discursos e a prática». *Cepsa*, 2014, 1–255.
- Matusse, Aventina Cláudia, João Manuel Mabuteia Dambiro, Lucas Atanásio Catsossa, Deolindo Bendo Paúa, e Ir.^a Pilar de la Puerta. «V-Semana nacional de fé e compromisso social: juventude, educação e emprego». Comissão Episcopal de Justiça e Paz, 2022.
- Moral, José Luis. «Jóvenes y religión: algunas claves y propuestas pastorales». *Seminarios sobre los ministerios en la iglesia* 65, n.º 225 (2019): 23–47. <https://doi.org/10.52039/seminarios.v65i225.36>.

- Movilla, Secundino. «Juventud». Em *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, editado por Casiano Floristan e Juan-Jose Tamayo, 523–41. Madrid: Cristiandad, 1983.
- Mozambique Islands. «About Mozambique». 2018. <https://www.mozambiqueislands.com/about/about-mozambique/#>.
- Novaes, Regina. «Juventude e religião, sinais do tempo experimentado». *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares* 20, n.º 2 (2019). <https://doi.org/10.12957/irei.2018.39020>.
- Parizotto, Ana Patrícia Alves Vieira, e Maria Juracy Filgueiras Tonelli. «Juventude: desafiando a definição predominante através dos tempos». *Psicologia Argumento* 23, n.º 41 (2005): 91–92.
- Paulo II, João. «Discurso do Papa João Paulo II aos jovens e crianças de associações e paróquias Italianas». Dicastero per la comunicazione, 1978. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1978/documents/hf_jp-ii_spe_19781108_giovani.html.
- Pessoa, Marcio. «As áreas de segurança volátil em Cabo Delgado». 2021. <https://www.dw.com/pt-002/veja-quais-s%C3%A3o-as-%C3%A1reas-de-seguran%C3%A7a-altamente-vol%C3%A1til-em-cabo-delgado/a-57524508>.
- Pinto, Vítor Feytor. «Perspetivas pastorais e prioridades de ação na pastoral juvenil». *Communio (revista internacional católica)*, 1985.
- Riquelme, Antón Martínez. «La teología pastoral y el trabajo con jóvenes». *Centro de estudios teologico-pastorales*, 1992, 97–113.
- S. a. «A Igreja Católica em Moçambique (a história da evangelização de Moçambique está intimamente ligada à colonização portuguesa)», 2019. <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-09/papa-francisco-viagem-mocambique-igreja-dados-estatisticos.html>.
- . «Povos e religiões de Moçambique». Acedido 12 de dezembro de 2023. https://macua.blogs.com/files/atlas_da_lusofonia_-_mocambique_12.pdf.
- Silva, Reginaldo Martins da. «Propor a fé aos jovens à luz da Exortação Apostólica Christus Vivit». *Revista Contemplação*, n.º 21 (2020): 112–25.
- Vázquez, Gonzalo Martínez. «Jóvenes». *Sal terrae*, 2015, 397–413.
- Viana, Nildo. «Juventude, Contestação, Autogestão». *Subalternidade, trânsitos e cenários – II Simpósio de Ciências Sociais GT 09: Pesquisa Sobre Juventude nas Ciências Humanas*, S.D, 1–19.

Villanueva, Pascual Chávez. «Una pastoral para los jóvenes de hoy». *Isidorianum*, n.º
26 (2004): 467–83.